

Discurso Theologico Moral Espositivo Juridico Historico Ascetico, e Politico, sobre o livro intitulado Vozes do defegano contra a profanidade do luxo. M. S. 4.

Historia do homem mais infeliz, ou vida de Judas Iscariotes, ornada de erudiçoens, e noticias não vulgares. M. S. 8.

Imagens do melhor Prototypo. Vidas dos Santissimos Patriarchas Domingos, e Francisco semelhantes na mayor parte das suas acçoens, e successos à de Christo Senhor Nosso. M. S. 8.

Defensa de João, segundo Patriarcha de Jerusalem, em que he notado por alguns Authores de herege. M. S.

Methodo compendiozo para construir com certeza, e facilidade os livros, que os Estudantes chamaõ classicos. M. S. 8.

Opus Eucharisticum, seu Eucharistica Polyanthæa per Dyslichos distincta dictis Sanctorum Patrum, & aliquorum Doctorum illustrata. Compoz esta obra para o Certame Eucharistico, que se fez a 29. de Junho, e 4. de Julho de 1724. em o Convento dos Eremitas de Santo Agostinho de Lisboa.

D. Fr. FILIPE DA ROCHA nasceu em Lisboa, e teve por Pays a Gaspar de Medeiros, e Maria Pimentel da Rocha. Quando contava a florente idade de vinte annos, abraçou o Instituto da sagrada Ordem da Santissima Trindade, professando tolemnemente em o Convento da sua patria a 13. de Setembro de 1629. Sahio taõ insigne nas letras Sagradas, que as dictou aos seus domesticos até jubilar na Cadeira primaria da Theologia, não merecendo o seu talento menor applauso em o pulpito. Attendendo o Illustrissimo Arcebispo de Evora D. Diogo de Sousa aos dotes, de que era ornado o nomeou seu Coadjutor a 6. de Janeiro de 1669. com o titulo de Bispo de Madau-ro, Cidade Episcopal de Africa, suffraganeo do Arcebispado de Carthago. Faleceo no Convento de Lisboa a 24. de Outubro de 1669. Fazem memoria da sua pessoa Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 2. pag. 204. col. 2. Fonsec. Evora Gloriosa pag. 315. D. Manoel Caet. de Souf. Ca-

thalog. dos Bisp. Portug. p. 143. Compoz Conciones Dominicanarum Adventus Domini, & Quadragesimæ. Ulyssipone apud Joannem da Costa 1667. 4.

Conciones de Sanctorum Festivitatibus. ibi apud eundem Typog. 1669. 4.

Fr. FILIPE DE SANTA THEREZA nasceu em Lisboa a 20. de Mayo de 1681. sendo filho de Antonio Dias Correa, e Antonia da Sylva. No real Convento patrio de N. Senhora do Carmo, professou o Instituto da primitiva Observancia de Carmelita Calçado a 15. de Mayo de 1701. sendo admittido a Collegial do Collegio de Coimbra a 3. de Novembro de 1703. estudou as sciencias severas, que depois dictou aos seus domesticos nos Conventos da Moura, Lisboa, e Collegio de Coimbra. Recebeo o grão de Doutor Theologo em o Convento do Carmo de Lisboa a 10. de Junho de 1726. sendo seu Padrinho o Illustrissimo, e Reverendissimo D. Thomàs de Almeyda, primeiro Patriarcha de Lisboa, onde foy Regente dos Estudos, e depois Prior eleito em o anno de 1735. em cujo governo, que durou cinco annos, augmentou o Convento com edifficios, e rendas, donde subio ao lugar de Provincial com universal jubilo dos votantes a 11. de Janeiro de 1744. Sendo ornado de grande talento para a Cadeira, o não tem menos feliz para o pulpito, de cujo ministerio Sagrado unicamente publicou.

Sermaõ de S. Luiz Gonzaga, prègado no quinto dia do Outavario 10. de Novembro de 1727. que à sua Canonizaçõ, e de S. Stanislaõ Koscka, consagraçõ os Religiosos da Companhia de JESUS do Collegio, e Universidade de Evora. Evora na Officina da Universidade. 1730. 4. Sahio na *Relaç. das Festas da Canoniz.* a pag. 192.

FLAVIO JACOBO nasceu em a Cidade de Evora em o anno de 1517. de que elle se jacta em o primeiro livro dos seus versos.

Musæ Pierides Eboræ latialis alumnus. Flavius hæc urbis qualiacumque dicat. e pag. 77.

Hæc

Hæc Eboræ est Vates ornat, quam Flavius
urbem

Et quam plûs oculis diligit ille suis.

Ao tempo que contava a idade de dezoi-
ro annos deixou a patria por ordem de
seu Pay em o anno de 1535. cuja auzen-
cia exprime com estas sentidas vozes

Me desiderium Matris, & aspera

Pressus sorte parens in lacrymis dies

Noctes in lacrymis ducere perpetes

Crudeli serie jubet.

Depois de ser discipulo na Dialectica
do insigne Letrado Fr. Domingos Sotto,
celebre esplendor da Ordem dos Prêga-
dores, que de Confessor de Carlos V.
subio á Cadeira Episcopal de Segovia;
assistio alguns annos em Anveres, e Lo-
vanha, donde passou à Cidade de Ragu-
sa, e nella fez o seu domicilio até a ulti-
ma idade como escreve lib. 2. *Dystich.*

Si tranquilla meæ sedes optanda senectæ

Ante alias urbes sola Rhagusa placet.

Foy insigne Poeta Latino como o pu-
blicaõ os seus versos pelos quais não al-
cançou premio algum, experimentando
sempre a fortuna infauſta aos seus desig-
nios. Celebraõ a sua memoria Brandaõ
Mon. Lusit. Part. 5. liv. 16. cap. 3. Au-
gust. Cassiodor. Reinio in *Prolog. Trad.*
Latin. Descript. Regn. Congi. Odoardi
Lopes. Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit.
F. n. 26. *Fonsec. Evor. Glorios.* pag.
411. Achilles Estaço lhe fez em seu ap-
plauso o seguinte epigramma.

Dysticha composuit Galla de gente Secun-
das

Non mala, & Eusebio teste latina satis.

Scriptit & ille meus civis quoque Flavius,
ut que

Vere novo castas, & thyma libat apis.

Par doctrina viris, ut quidquid Gallia ja-
ctat

Candoris certo plûs habet ille meus.

Compoz

Cato mayor, sive dysticha moralia. Ac-
cessere nova epigrammata et alia nonnul-
la. Opus pium & erudiendis pueris apri-
mè necessarium. Venetiis. Sub signo Leo-
nis. 1592. 8.

Cato minor, sive dysticha moralia ad
Ludimagistròs Ulyssiponenses partim mo-
ralium, & partim non moralium Epigram-
matum libri quattuor. Xenia ad Janum

Claudium Rhacusanum. Nomina Portu-
gallie Regum, & aliquot insignium Ur-
bium Hispanie. Qui Poetæ, & Oratores
imitatione digni. Quinque magnorum Re-
gum insignia. Dialogismus inter honest-
um adolescentem, & pudicam Virginem.
Lyrica. Tumuli illustres familie Rhacu-
sane. Venetiis apud Felicem Valgrisium.
1596. 8.

FOR TUNATO LOPES DE
OLIVEYRA publicou em obsequio da
insigne Matrona Santa Anna.

Excellencias da Mulher Forte; a des-
pozada mais casta; a esteril mais fecunda,
a Mãe da mesma Graça Maria Santissi-
ma, e Avò, segundo a natureza humana
de JESU Christo a Senhora Santa An-
na expendida em nove meditaçoens, e me-
ditada em vinte e sete pontos pelos dias da
sua Novena. Lisboa na Offic. Joaquinia-
na de Bernardo Fernandes Gayo. 1735. 8.

D. FRADIQUE DA CAMARA;
E TOLEDO, filho de D. Manoel da
Camara, segundo Conde de Villa-Fran-
ca, e de sua mulher D. Leonor de Vi-
lhena, filha de D. Fradique Henriques
Mordomo mór de Filipe segundo, e de
D. Guiomar de Vilhena filha de André
Telles de Menezes Alcayde mór da Co-
vilhãa. Entre as artes, que cultivou dig-
nas de seu illustre nascimento, logrou
a primazia a Poetica, sendo os seus ver-
sos ouvidos com geral applauso em a
Academia dos Generosos, de que era Se-
cretario D. Antonio Alvares da Cunha,
ou fossem serios, ou jocosos, descubrin-
do-se em todos elles summa elegancia,
aguda discriçaõ, e natural afluencia, por
cuas partes constitutivas de hum Poeta
insigne o louvaõ D. Francisco Manoel.
Obras Metr. Viol. de Thal. pag. 152.

Da Camara das Musas não confias
Naquelle cuja fama multiplique
A fama sem contar dia a seus dias
Hum grande Capitaõ, hum D. Fradique
Que as costas do Parnasso defendendo
Já de agora estou vendo,
Que na guerra das Musas preparada
Hà de ser General da sua Armada.
E na Ostentaç. Encomiaç.
O Senhor D. Fradique foy o primeiro Gen-
ral

til-homem da Camara de Apollo, cuja pena de ouro tantas vezes lhe tem servido de chaue dourada. Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Lusit. Estanc. 31.*

*Pedirle a Daphne, que nació Toledo
El sagrado Laurel para su frente
D. Fradique podrá podrá sin miedo
Con tanto ingenio, estilo tan valiente:
En tiernos años su opulencia excedo
A muchos que han escrito docilmente
Y pide con razon del Laurel parte
Que las Musas alienta el son de Marte.*

Traduzio em outava Rima Portugueza os seis primeiros livros da Eneida de Virgilio, cuja obra vio Joaõ Franco Barreto, e a louva de perfeita na *Bib. Portug. M. S.*

Romance Castelhana à morte de D. Maria de Attayde. Sahio impresso nas *Memor. Funeb.* dedicadas a esta Senhora. Lisboa na *Offic. Crasb.* 1650. 4. a fol. 57. vers.

Soneto em applauso do Cazamento perfeito composto por Diogo de Payva de Andrade. Sahio impresso no principio desta obra. Lisboa por Jorge Rodrigues 1630. 4.

Babilonia de Amor Comedia impressa em Madrid, e outras muitas.

Fr. FRADIQUE ESPINOLA nasceu em Lisboa, e logo nos primeiros annos mostrou tal inclinação à virtude, que resolutamente deixou o seculo para abraçar o Instituto Monachal da Ordem de S. Bernardo em o Real Convento de Alcobaça a 22. de Novembro de 1649. onde professou solemnemente a 17. de Abril de 1651. Foy ornado de animo sincero, genio affavel, prudencia summa, e de todos aquelles dotes, que constituem hum perfeito Religioso pelos quaes se fez digno de occupar os lugares mais honoríficos da sua Congregação, como foraõ Mestre dos Noviços, Secretario do General Fr. Luiz de Faria, duas vezes Diffinidor, a primeira no anno de 1693. e a segunda no anno de 1699. Abbade do Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro, Prior do Mosteiro de Odivellas, onde fez obras magnificas, e Confessor do reformado Convento da Nazareth desta Corte, em o qual passou de caduco a

Tom. II.

eterno a 9. de Dezembro de 1708. em idade muito provecta. Compoz varias obras cheyas de erudição sagrada, e profana, em que era muito douto, principalmente em a Theologia Mystica, em cujo estudo gastou grande parte da sua vida, como se vê do Cathalogo seguinte.

Directorio de Religiosas para seu aproveitamento espiritual conforme a doutrina de S. Francisco de Sales, Bispo de Genebra. Lisboa por Domingos Carneiro. 1676. 8.

Dezejos do Ceo, vozes de Varoens illustres para todo o estado de pessoas poderem viver Christãa, e religiosamente. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1694. 12.

Atalaya do Amor Divino. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1695. 8.

Chave do Parayso, com que na hora da morte se abrem as suas portas. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ. 1697. 8.

Escada da Bemaventurança composta de trezentos e cincoenta Aforismos asceticos, por onde o servo de Deos pôde subir ao mais alto cume da perfeição Evangelica. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1699. 16.

Escola Decurial de varias liçoens. 11 Parte. Lisboa pelo dito Impressor. 1696. 8. 2. *Part.* 1697. 8. 3. *Part.* 1698. 8. 4. *Part.* 1698. 8. 5. *Part.* 1699. 8. 6. *Part.* 1699. 8. 7. *Part.* 1699. 8. 8. *Part.* 1700. 8. 9. *Part.* 1701. 8. 10. *Part.* 1702. 8. 11. *Part.* pelo dito Impressor. 1707. 8.

Regra de S. Bento traduzida de Latim em Portuguez. Lisboa por Domingos Carneiro. 1689. 12.

Tinha prompto em o anno de 1700. *Sermoens varios 2. Tomos. M. S.*

Sor. FRANCISCA DA COLUMNA natural da Villa de Torres Novas do Patriarchado de Lisboa no Serafico Convento da sua Patria, dedicado ao Espirito Santo, religiosa professa, onde foy Abbadessa, merecendo universal estimação, assim pela rigida observancia do seu Instituto, como pelo sublime talento, que teve para a Poesia, compondo muitos versos, em que competia a

L

suavi-

suavidade com a devoção. No Poema da vida de Santo Antonio composto por Francisco Lopes. Lisboa por Pedro Craesbeeck 1618. 8. estão alguns Sonetos seus em applauzo do Author. Faz breve menção das suas obras o *Theatr. Heroïn.* Tom. 1. pag. 386. e Diogo Manoel Portug. *illust. pelo Sexo Femin.* p. 74. onde escreve, que imprimira *Comedias* ao divino, sendo a mais discreta a do *Nascimento de Christo Senhor Nosso*, como elegantemente a descreve o Padre Antonio dos Reys no *Enthus. Poet.* n. 278.

*Docta manu feriens resonantia pleetra
Columna*

*Narrat ut Aeterno soboles aequiva Parenti
Ad cava vicinæ Bethlemo viscera rupis*

*Iverit è Matris gremio ventura sub auras
Cum vaga jam medios torquebant sydera
cursus*

*Et madefacta novus Titan revehebat in
orbem*

Lumina de medio pelagi.

Sor. FRANCISCA DA CONCEYÇAM natural de Lisboa, e filha dos Excellentissimos Condes de Villanova D. Manoel de Castello-Branco, Conselheiro de Estado de Filipe II. e III. e de D. Branca de Vilhena, senhora do Morgado da Povoá, filha de D. Diogo de Castello-Branco, e D. Leonor de Milà, augmentou as luzes do seu claro nascimento, quando as cubrio com as sombras do sayal de S. Francisco, celebrando os seus castos despozorios com o Divino Cordeiro no Serafico Convento da Esperança de Lisboa, onde pela sua exemplar vida, e prudente juizo foy dignissima Abbadessa. Assistindo neste Convento a Ven. Brizida de S. Antonio pelo espaço de sete mezes, por cauza do incendio, que devastou a 17. de Agosto de 1651. o Mosteiro das Religiosas Inglezas de Santa Brizida, onde era professa, observou com summa reflexão as virtuosas acçoens desta grande serva de Deos, e as reduzio a hum breve epitome, que dedicou à Serenissima Rainha de Portugal D. Luiza Francisca de Gusmão com este titulo.

Relação da vida, e morte da V. Ma-

dre Sor. Brizida de Santo Antonio; Freira de Santa Brizida. M. S. 4. Desta obra como de sua Authora fazem memoria o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. no Comment. de 26. de Junho letr. I. e Fr. Agostinho de Santa Maria na *Vida da mesma serva de Deos.* liv. 1. cap. 1. e liv. 4. cap. 1. e 7.

Sor. FRANCISCA JOZEFA DE NORONHA natural de Lisboa filha de Francisco de Noronha Capitaõ dos Maltezes, e Escrivaõ dos seus Privilegiados, e Thezoureiro da mesma Religiaõ, e de D. Anna Maria de Figueiredo. Na primavera dos annos se despozou com o Divino Cordeiro no Convento Patrio de N. Senhora da Rosa de Religiosas Dominicadas, onde com as suas virtuosas acçoens se fez exemplar das suas companheiras. Era muito applicada à lição dos livros asceticos, e para que infundisse nos peitos Catholicos os affectos mais ardentés em obsequio de Christo Sacramentado, traduzio da lingua Italiana, que soube com perfeição, em a materna, o seguinte livro composto por seu irmaõ Fr. Joaõ Jozè de Santa Thereza Carmelita Descalso, de quem se farà memoria em seu lugar. Falleceo em idade provecida no anno de 1719. e della faz menção Fr. Pedro Monteiro *Claustr. Domin.* Tom. 3. pag. 220.

Finezas de JESUS Sacramentado para com os homens, e ingraticos dos homens para JESUS Sacramentado. Coimbra por Joaõ Antunes 1705. 8. e Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ. 1722.8.

FRANCISCO DE ABREU natural de Lisboa, compoz conforme escreve Joaõ de Brito de Lemos no *Abeced. milit.* fol. 77. Vers.

Tratado da perdição da Armada de Portugal na boca do Canal de Inglaterra, de que era Capitaõ General D. Manoel de Menezes. M. S.

FRANCISCO DE ABREU. Veja-se MANOEL SEVERIM DE FARIA.

FRANCISCO DE ABREU GO-

DI.

DINHO natural da Villa de Montalvaõ na Comarca da Cidade de Portalegre, filho de Manoel Nunes de Abreu, e de Joanna do Rio. Formado em a Faculdade de Direito Cesareo, pela Universidade de Coimbra, servio com igual prudencia, que desinteresse os lugares de Juiz de fóra de Niza, Ouvidor da Cidade de Bragança, e ultimamente Provedor da Comarca de Miranda. Compoz hum Discurso muito douto intitulado.

Declaração ao Principe N. Senhor no sacrilego desacato, que succedeo na Igreja de Odivellas em a noite 10. de Mayo de 1671. 4.

FRANCISCO DE ABREU HO-MEM Doutor em Direito Cesareo, e muito versado na lição da Historia, e nos preceitos da Oratoria. Escreveo conforme affirma Fr. Pedro de Poyares no Prolog. do *Paneg. da Villa de Barcellos.*

Panegyrico em louvor dos Templarios.

Panegyrico ao Duque de Bragança D. Fernando.

FRANCISCO AFFONSO DE CHAVES, E MELLO natural da Cidade de Ponte Delgada, Capital da Ilha de S. Miguel, e filho de Pays nobres. Todo o seu estudo applicou á lição da Historia Sagrada, e profana, publicando em estilo claro, e corrente a obra seguinte, na qual descreveo as virtuosas acçoens da Ven. Margarida de Chaves sua parenta, como o sitio, e grandezas da sua patria com este titulo.

A Margarita animada, idea moral, politica, e historica de tres Estados, discursada na vida da Veneravel Margarida de Chaves, natural da Cidade de Ponte Delgada da Ilha de S. Miguel com a descripção da mesma Ilha. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ. 1723. 8.

Fr. FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO Varaõ verdadeiramente Encyclopedico, insigne ornato da Republica Litteraria, e immortal credito de tres Familias Religiosas, que illustrou com o seu talento por

Tom. II.

fer huma pequeno theatro para a immensa vastidão da sua Litteratura, naceo no anno de 1596. em a Cidade de Coimbra bastando para glorioso brazaõ desta Athenas Lusitana a produção deste alumno, que lhe havia dilatar a sua fama em as mais celebres Universidades da Europa. Foy vigilantemente educado por seus Pays Joaõ Rodrigues Cidadão honrado, que tinha servido todos os officios da Republica, e Maria de Macedo, de cuja virtuosa disciplina sahio perfeitamente instruido nos exercicios da piedade Catholica. Nos primeiros crepusculos da idade, se admirou com tanta antecipação illustrada a agudeza do juizo, e a felicidade da memoria, que quando contava onze annos, já repetia fielmente o Poema de Virgilio, e metrificava com tal elegancia, e valentia, que não sómente imitava, mas excedia a este Principe da Poezia heroica, causando mayor assombro, que antes de saber a quantidade das syllabas, e os preceitos da Poetica, compunha primorosamente todo o genero de versos, assim na lingua Latina, como materna. Estes admiraveis preludios do seu incomparavel engenho, como fossem infalliveis vaticinios dos agigantados progressos, que havia de fazer na idade adulta, estimularaõ aos Padres Jesuitas, para que com grande gosto o admittissem ao seu Instituto, que abraçou na idade de 14. annos em o Collegio de Coimbra a 22. de Mayo de 1610. Nesta Sagrada palestra se applicou à cultura das letras amenas, e severas, fructificando o seu raro talento, ainda ao tempo de florecer, assim na practica de humas, como na especulação de outras, de que resultava admiração aos Mestres, e enveja aos Condiscipulos. Depois de explicar os Tropos da Rhetorica, as difficuldades da Filosofia, e as regras da Chronologia em os Collegios de Lisboa, e Coimbra, como retumbasse o ecco do seu nome em a Corte de Madrid, foy chamado pela Magestade de Filipe IV. para Mestre das letras humanas em o Collegio Imperial, onde entre outros grandes discipulos teve a Thomàs Pinheiro, que verteo de Grego em Latim *Stephanus de Urbibus*, como elle com agradecida

memoria confessa pag. 361. n. 55. Igual foy ao seu merecimento a fama que adquirio neste magisterio, assim pela affluencia poetica, como pela profundidade Theologica, e eloquencia Sagrada, com que se distinguia dos mais famosos professores destas Faculdades, conciliando por taõ singulares dotes o respeito, e aclamação das primeiras pessoas da Corte Castelhana, a que sinceramente correspondiaõ as vozes do vulgo. Para se justificar de huma culpa maquinada pela malevolencia dos seus emulos, em que teve mayor parte a credulidade, que a malicia, foy obrigado a deixar a Religiaõ da Companhia, havendo sete annos, que fizera a profissaõ do quarto voto, e querêdo manifestar ao mundo naõ ser o seu intento preferir a liberdade do seculo ao rigor do Claustro, abraçou o austero instituto da reformada Provincia de Santo Antonio, recebendo o habito das mãos do Provincial Fr. Berardo dos Martyres a 27. de Junho de 1642. e com Breve do Urbano VIII. professou passados seis mezes a 28. de Dezembro do mesmo anno, quando contava 46. annos de idade. Foy mandado pelos Superiores ler Filosofia, e Theologia no Collegio da Pedreira em a Universidade de Coimbra, e ao tempo, que estava desempenhando taõ laboriosa incumbencia, o chamou El-Rey D. Joaõ o IV. para se servir da sua grande capacidade. Obedeceo à ordem do seu Soberano, e para que mais prontamente se dedicasse ao seu serviço, passou no anno de 1645. da Provincia de Santo Antonio para a Obsevante de Portugal, onde permaneceu até o fim da vida. Em obsequio daquelle Principe acompanhou a quatro Embaxadores, que mandou às principaes Cortes de Europa, que foraõ Francisco de Mello Monteiro mór a França; o Illustrissimo Bispo de Lamego D. Miguel de Portugal a Roma; D. Vasco Luiz da Gama Marquez de Niza a França, e Joaõ Rodrigues de Sà Conde de Penaguiaõ, e Camareiro mór a Inglaterra. Nestes grandes Theatros luzio com igual credito da sua Pessoa, que da Nação Portugueza, o monstruoso engenho, a sublime elegancia, e a judiciosa profundi-

dade deste insigne Varaõ; arrebatando em merecidas suspensoens aos mayores Corifeos de todas as Faculdades, de que era precioso erario a sua feliz memoria. Na cabeça do mundo, como estimadora dos mayores juizos, conciliou a veneração das principaes pessoas, que compoem taõ illustre Corte, distinguindo-se entre todas a Santidade de Alexandre VII. que por ser insigne cultor do Parnasso, lhe era muito inclinado, admirando o natural genio, que tinha para a Poesia. Desta inclinação foy consequencia o nomeallo Mestre da Controversia em o Collegio de Propaganda Fidei, Lente de Historia Ecclesiastica na Sapiencia de Roma, e Consultor da Inquisição Universal. Ao tempo que estes lugares com acelerados voos o hiaõ elevando à mayor eminencia, principalmente vendose favorecido dos Duques de Saboya, Florença, e Mantua, e o que era mais do declarado affecto do Pontifice, o perdeu infelizmente por naõ condescender na emenda de huma palavra, que lhe mandava riscar o mesmo Pontifice no epitafio, que por sua ordem fizera para o Mausoleo de Monsenhor Favorito seu Prelado domestico. Desta infelicidade, que pudera evitar a prudencia se senaõ deixara arrastar do seu genio inflexivel, se armou a emulação para lhe dar gravissima materia à sua tolerancia, de que depois triumphou a propria innocencia. Deixada Roma passou a Veneza, e para que em taõ nobre Cidade fizesse conhecido o seu nome, havendo defendido na Curia por tres dias successivos no anno de 1658. humas Conclusoens de *Omni Scibili* em obsequio dos Cardeaes Pedro Ottoboni, e Francisco Albizio, ambos doutissimos na Jurisprudencia Civil, e Canonica, e seus affectuosos Patronos, de que lhe resultou immortal credito à sua litteratura, se resolveo a entrar em segundo combate, de que foy theatro o Convento de São Francisco da Vinha da Cidade de Veneza estando presentes o Doge Domingos Contareno, e a Nobreza daquella celebre Republica, sustentando pelo espaço de outo dias mayor que Athlante sem o soccorro de Alcides aquellas famosas Conclusões intituladas *Leonis Sam*

Ati Marci rugitus litterarii, que principiáraõ a 26. de Setembro de 1667. e comprehendiaõ em oito pontos as materias seguintes. 1. Os sentidos, verfoens, e interpretaçoens do Testamento velho, e novo. 2. A serie, successãõ, e authoridade dos Summos Pontifices, e Concilios Ecumenicos. 3. A Historia Ecclesiastica, desde a Adaõ atè Christo, e de Christo atè o tempo em que defendeo. 4. A doutrina, e tẽpo, em que floreceraõ os Santos Padres assim Gregos, como Latinos, principalmente de Santo Agostinho. 5. A Filosofia, e Theologia Especulativa, e Moral conforme as tres Escholas de Santo Thomàs, Scoto, e Suares Granatense. 6. A Jurisprudencia Canonica, e Civil; a Historia Grega, e Latina, e principalmente a de Italia, e Veneza. 7. A Rhetorica, e seu methodo; e ultimamente a Poetica conforme a mente de Aristoteles, e da fôrma de todo o genero de versos praticados pelos Gregos, Latinos, Italianos, Espanhons, e Francezes. Concorreraõ a este litterario combate os mayores sabios, que aquella idade respeitava na Europa atrahidos huns da admiraçaõ, e estimulados outros de inveja, de que hum homem se animasse, posto que ornado de sublime talento a huma empreza, que ainda era ardua para todos os Cathedraticos da mais douta, e florente Universidade. Porẽm a experiencia os desenganou, reconhecendo que era Macedo animada Encyclopedia, e vivo erario de todas as sciencias, as quaes possuia com tanta eminencia, que a tudo quanto se lhe perguntou, e arguiu se naõ equivocou em huma só palavra, e muito menos se suspendeo pelo mais breve espaço a todas as repostas que dava; antes para evidente prova de como a cõprehençaõ do juiso, e felicidade da memoria se naõ tinhaõ perturbado com taõ diversos argumentos, e logravaõ de huma perfeita serenidade, emendou a hum dos arguentes hum Texto da Escritura erradamente citado; e a outro lembrou hum verso de Virgilio, que lhe esquecera, e a outro que allegava authoridades falsas para prova do seu argumento naõ somente descobrio a falsidade das suas allegaçõens, mas lhe repetio diversos Au-

thores com que verdadeiramente podia estabelecer a sua opiniaõ. Coroou este famoso Acto recitando extemporaneamente mil versos Latinos com hum Epigrama em louvor da Republica de Veneza o qual mandou escrever debaxo do seu retrato a mesma Republica, e o collocou na Bibliotheca de Saõ Marcos para eterno padraõ do seu agradecimento declarando-o seu Cidadãõ, e elegendo-o Cathedratico de Filosofia Moral em a Universidade de Padua, de que tomou posse a 18. de Dezembro de 1667. Foy hum dos acerrimos propugnadores da doutrina de Santo Agostinho, de cujas obras tinha tanta liçaõ, que as repetia de memoria sem interrupçaõ da menor palavra, causando mayor espanto, que querendo alguns emulos examinar a verdade de taõ portentosa erudiçaõ lhe allegavaõ alguns textos do Santo Doutor fabricados com tal arte, que pelo estilo, e doutrina pareciaõ ser verdadeiros, cuja falsidade promptamente descobria, mostrando naõ serem genuinos partos da penna da Aguia dos Doutores. Fallou as linguas mais polidas da Europa com perfeiçaõ, escrevendo, e prégando na Italiana, e Espanhola como se fora nacido em Roma, e criado em Madrid. Entendeo a Franceza, e em a Grega naõ foy hospede, alcançando o principado em a Latina, da qual foy eloquentissimo cultor, e nomeado Chronista desta Monarchia em taõ elegante idioma pela Magestade de Dom Joaõ o IV. por Alvara passado a 8. de Abril de 1650. Desde a infancia bebeo com tanta abundancia as aguas da Hipocrene, que foy numerado entre os Principes do Parnasso, assim na elevaçãõ do entusiasmo, como na cadencia do metro. Antepoz a magestade de Virgilio ao furor de Estacio, e o Estro de Lucano, à eloquencia de Claudiano, sendo o seu estilo sempre sublime, claro, e numeroso. Naõ foy menos copiosa a sua veyra na composiçaõ das Odes, e Elegias, de que seguiu como exemplares os Ovidios, Horacios, Propercios, e Catullos. O primor da Oratoria brilhou nas suas Oraçoens, Apologias, e Invectivas, praticando com artificiosa energia os seus melhores preceitos. Sendo profundo Theo-

logo

logo Escolastico como manifestou na laboriosa conciliação do Doutor Angelico com o Subtil, em que pertendeo inimigo da parcialidade unir estas duas grandes Escolas, não foy menos em a Positiva, e Polemica, em que se mostrou sempre fequaz das opiniões mais solidas, e fortissimo propugnador dos dogmas Catholicos contra a cegueira do Atheismo, e petulancia da Heregia. Da Filosofia moral, que ensina regular as proprias paixões, aprendeo a moderação, com que tolerou a injustiça da fortuna nunca mais cega, do que quando lhe negou os premios merecidos ao seu grande talento, e os concedeo a outros, que lhe eraõ inferiores em tantos dotes, de que liberal o ornara a natureza. Desta sem-razaõ, ainda que modestissimo se queixou na Prefação ao Lector das Collações de Santo Thomàs, e Scoto, explicando o seu sentimento com estas elegantes vozes: *Scribo procul à fuco, longe ab ambitione: omni spe honoris non modò abjecta, sed etiam amissa: victima veritatis non maçta, sed maçtata. Contigit mihi jaçtari in schola, quòd ille alter in acie*

Disce legens doctrinam ex me, verumque laborem

Fortunam ex aliis: nam te mea penna Minervæ

Addictum dabit, & nulla inter præmia ducet.

Para defender as opiniões sobre a materia da Graça, e da verdadeira doutrina, que sobre taõ importante questãõ seguirá Santo Agostinho, se armou por diversas vezes a sua penna contra o Cardeal Henrique de Noris igualmente eminente em a dignidade como litteratura, chegando a tal excessõ o ardor da contenda, que o desafiou por hum publico edital, afinada para theatro desta controversia a Cidade de Bolonha, o qual não aceitou o Eminentissimo Noris como receando o vigor da eloquencia, e afluencia da Latinidade do seu contendor. Entre a laboriosa occupação de tantos estudos sempre conservou saude robusta até poucos dias antes da morte, para a qual preparado com todos os Sacramentos, entregou o espirito nas mãos do seu Creador em o Convento de Padua no primeiro de

Mayo de 1681. quando contava 85. annos de idade, e não de 88. e de 90. como erradamente se lê nas duas Inscriptões abaixo tresladadas. Foy honorificamente sepultado pelos seus Religiosos, e para eterna recordação de taõ grande homem mandaraõ esculpir de bronze hum Busto, que representasse a sua figura natural, ao qual collocado sobre a porta da Sancristia se lhe gravou na parte inferior em huma tarja de pedra a seguinte Inscriptão.

D. O. M.

*Patri Francisco Macedo Lusitano
Hujus Domus Patres eximio centubernali
suo*

Istam

Ex ære Imaginem

*Pro aurea illâ quam in Patavino Gymnasio
Moralis Philosophiæ Doctõr, & undique
Lingua, & calamo vir doctissimus protulit
Unanimiter decrevere.*

*Obiit anno Domini 1681. die prima Maii
Ætat. 90.*

Semelhante obsequio confagrou à sua immortal memoria em o Convento de Araçæli em Roma seu amante discipulo Fr. Miguel Angelo Farolfo de Candia, Prêgador do Palacio Apostolico, collocando o seu Busto aberto de relevo em hum marmore vermelho, defronte da escada, que sóbe para o dormitorio, para servir aos que passaõ de despertador dos merecimentos deste insigne Varaõ, cujo retrato se anima com estas elegantes clausulas.

P. M. S.

Viro omniscio

*P. Fr. Francisco à Sancto Augustino
Macedo*

*Patria Lusitano, Veneto Ciui
Min. Obseru. Prov. Portugal. Lectõri
Jubilato*

*In Patauina Academia Æthicæ Pro
fessori*

*Gallarum Reginæ Annæ Concionatori,
& Consiliario*

*Regis Lusitaniæ Joannis IV. Chrono
logo Latino*

S. Officii Roman. Qualificatori

*In Collegio de Prop. Fid. Controver
siarum Lectõri*

*In Romana Sapientia Hist. Eccles. Ma
gistro Poetæ*

Poeta extemporaneo celeberrimo
Pluribus in Catholica, ac Literaria
Reipublica

Obsequium laboribus claro
Encyclopedicis non paucis speciminibus,
ac certaminibus illustri:

Adversæ fortunæ ictibus intrepido

Ingenio acri, memoria infallibili

LXX. voluminum Patri

Die 1. Maii ann. M. DCLXXXI. æta-
tis suæ ann. LXXXVIII.

Paduæ ad superos profecto

Fr. Michael Angelus Farrolfus de Cãdia

Sacri Palatii Apostolici Prædicator

Cism. Fam. Min. Observ. & Reform. Dis-
cretus perpetuus,

Et in Romana Curia Commissar. Gene-
ralis

Grati Discipulatus causa M. P. C.

Anno Domini M. DC. XCI.

A estes elogios, que a arte gravou na pe-
dra para mayor perpetuidade da memo-
ria do Padre Macedo correspondem as
vozes de insignes Authores, que unifor-
memente o aclamaõ por Feniz dos enge-
nhos. Nicol. Ant. Bib. Vet Hispan. liv.
4. cap. 4. §. 77. multorum omnis generis
librorum confector insignis, vir multiscius,
& eloquens, e na Bib. Hisp. nov. Tom. 1.
pag. 336. col. 2. Acumine ingenii, memo-
riæ præsentia, multarumque disciplinarum
præstanti eruditione clarissimum. Daniel
Papebroch. Act. SS. Maii in vita B. Ma-
fald. Reg. no principio Italiae toti, quin
& universæ Europæ notissimus. Carol. Pa-
tin. Lyc. Patavin. pag. 129. celeberrimum
P. Franc. de Franciscis. Dissert. Phi-
lolog. de Franc. Litter. sect. 3. de Rhetor.
atque Poesi. n. 13. nostri sæculi au-
thor probatissimus, & n. 21. Poetam, &
Oratorem præstantissimum. Vir plane e-
ruditus, inque carminibus pangendis feli-
cissimus, ac venæ uberrimæ. Morhof. Po-
lyhist. Litterat. lib. 4. cap. 6. incompara-
bilis omni doctinarum genere, maximo-
que iudicio præditi, & cap. 12. virum om-
nibus doctinis, & scientiis consummatum.
Gregor. Leti Italia Regnante liv. 3. part.
3. ingegno trascendentissimo, e mostroso,
e senza di alcun dubbio uno di maggiori lit-
terati che sien viventi. Papadopoli Hist.
Gymnas. Patav. Tom. 1. lib. 2. cap. 34.
vir miri prorsus, & sæcundissimi in re lit-

teraria ingenii, e lib. 3. sect. 2. cap. 33.
vir plane eruditus, & in pangendis car-
minibus felicissimus. Sousa de Macedo
Lusit. Liberat. lib. 1. cap. 14. n. 20. eru-
ditissimus, & elegantissimus, e no Prolog.
de Caramuel convencid. Cuya elegancia
rara, y erudicion grande le haze bien co-
nocido, e na Eva, e Ave. Part. 1. cap. 26.
n. 10. bem conhecido em Europa toda por
Poeta insigne. P. Garau Maxim. Moral.
Maxim. 1. su tan grande, como breve Pa-
negyrista Macedo falla do Panegyrico,
que compoz em applauso do Principe de
Condè. D. Franc. Manoel no Prolog. das
Obras Metric. En la opulencia de las bue-
nas, y de las mejores letras humanas, y
divinas nuestro insigne, y nuestro Precep-
tor el P. Maestro Fr. Francisco de Ma-
cedo, cuyos copiosos raudales gozan admi-
rablemente dos Cathedras, muchos pulpi-
tos nõ pocos tribunales, y innumerables
typos. P. Emman. Ludov. Vit. Princip.
Theod. lib. 1. §. 249. Lusitanus Tullius,
& lib. 3. §. 198. insignis, & celeberrimus
in Academia Conimbricensi Magister.
Joan. Soar. de Brit. Theatr. Lusit. Lit-
ter. lit. F. n. 52. singularem illum homi-
nem Lusitaniæ, seu potius Hispaniæ Phæ-
nicem, summisque omnium nationum viris
conferre, vel etiam præferre non dubita-
rem. Sabino Lux Moral. Tract. 44. de
Eucharist. n. 49. vir omniscius, & famo-
sus. Fr. Fernand. da Soled. Hist. Seraf.
Part. 3. liv. 1. cap. 21. bem conhecido no
mundo pela grande Latinidade, Poetica,
e Rhetorica, e Part. 5. liv. 5. cap. 1. gran-
de homem conhecido por sua remontada
erudição em toda a Europa. Ped. Bayle
Diccion. Historique e Critique. Tom. 3.
pag. mihi 238. une des plus fertiles plumes
du XVII. siecle. Nicron Memoir. des
Hom. Illustr. Tom. 31. pag. 314. onde
com atrevida critica, e mayor petulancia
faz juizo das obras, e do talento do Pa-
dre Macedo, sendo incapaz de se consti-
tuir Censor de hum Varaõ, que foy emi-
nente em todas as sciencias, de cuja vida
narrou varios factos com ignorancia cras-
sa, devendo aprender da sua erudição pa-
ra ter algum nome com as Memorias His-
toricas, que fielmente transcrevia, de
quem lhas mandava. Graveffon. Histor.
Eccles. Tom. 8. pag. mihi 132. col. 1.

eruditionis laude celebris, onde erradamente o faz Italiano. *Bib. Societ.* p. 235. col. 2. *vir plane eruditus, & in pangen- dis carminibus felicissimus.* Franco *Imag. da virtude em o Nov. de Coimb.* Tom. 2. pag. 617. col. 1. *Foy homem eruditissimo, e na Poezia latina excellentissimo.* Franc. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Secul.* liv. 1. cap. 2. *taõ conhecido no mundo por suas grandes letras, e erudição.* Sousa *Appar. à Hist. Gen. da Caza Real Portug.* pag. 130. q. 152. *de quem temos em muitas, e diversas obras tantos abonos da erudição, como do grande engenho taõ universal, que servio de admiração em muitas Cortes, e Universidades da Europa, onde rezidio.* Fr. Martinho do Amor de Deos. *Chron. da Prov. de Santo Antonio* pag. 748. *preclaro Herde.* Lopo da Vega *Laurel de Apollo.* Sylv. 2.

Francisco de Macedo

*Tu Rhetorica dulce, y amorosa
O tu Lyra latina culta, y grave
Perdiera a tanta empreza el justo miedo:
Però si como fue dificultosa
Fuera imposible, Amor imaginara
Dedalo que conmigo al Sol bolara.*

P. Ant. dos Reys *Enthusiasm. Poet. n. 78.*

*Arboribus certat ramos decerpere pulcher
Cynthius ipse suum cincturus fronde Poe-
tam,*

*Illum ter magnum, quo non præstantior al-
ter,*

*Seu canat in campo squallentem pulvere
Martem,*

*Tristia seu querulâ moduletur carmina
voce,*

*Seu Cytharam pulsans festiva poemata
pangat:*

*Illum, qui natus placidi prope flumina Mõ-
de,*

*Reptavit per pleetra puer, teneroque li-
quentes*

*Largius ore bibit latices, quàm turba, so-
norum*

*Quæ subit in Pindum, solita est haurire:
canentem*

*Quem Tagus ut posset properans audire,
fluenta*

*Sæpe sua in medio fecit consistere cursu;
Albula quem gelidus, Tamesisque, & Se-
quana, parvus*

*Quem Mançanares, Arnus, simul atque
citatus*

*Ticinus quondam mulcentem carmine
Nymphas*

*Audivere suas: illum qui nomine gestat
In proprio meritæ laudis monumenta,
Macedum.*

Cathalogo das obras impressas por ordem
Chronologica.

*De primis solemnibus, & pompa trium-
phali habita in Apotheosi Divi Francisci
Xaverii epico carmine libri tres.* Ulyssi-
pone apud Joannem Rodrigues. 1621. 8.

*Apotheosis Sanctæ Elisabethæ Regine
Lusitanæ epico carmine liber unicus.* Co-
nimbricæ apud Didacum Gomes Lourei-
ro. 1625. 4.

*Lacrymæ Provinciæ Lusitanæ ob ere-
ptum sibi Lugduni acerba morte P. Fran-
ciscum de Mendoça.* Consta de quatro E-
legias, e dous Epigrammas latinos. Sahi-
raõ impressos no principio do *Viridarium
Sacrae, & prophanae eruditionis* do mes-
mo Padre Mendoça, que morreo na Ci-
dade de Leaõ a 3. de Junho de 1626. Lug-
duni apud Horatium Cardon. 1632. fol.
& ibi apud Laurentium Anisson. 1649.
fol.

*Theses Rhetoricæ omni eruditione re-
fertæ* Matriti. 1628. Constaõ destes
Titulos *Thesaurus eruditionis pro sole zo-
diacum procurrente. Parnassi Nemus poe-
ticipis arboribus consitum. Viridarium elo-
quentiæ Rhetoricis floribus distinctum.*

Historia de los Martyres del Japon.
Madrid. 1632. 4. Faz menção desta o-
bra o moderno adicionador da *Bib. Ori-
ent.* de Ant. de Leaõ. Tom. 1. fol. 547. no
Appendix.

*Vida del gran D. Luiz de Attayde,
tercero Conde de Attougua.* Madrid en
la Imprenta Real. 1633. 4. Sahio com o
supposto nome de Jozè Pereira de Mace-
do. A esta obra louvaõ Franckenau *Bib.
Hisp. Genealog. Herald.* pag. 268. e o
moderno adicionador da *Bib. Orient.*
de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 56.

*Epitome Chronologico desde el princi-
pio del mundo hasta la venida de Christo.*
Madrid. 1633. 4.

*Sermaõ de S. Thomè Padroeiro da In-
dia,*

dia, na Capella Real. Lisboa por Lourenço Craesbeeck. 1637. 4.

Panegyris Apologetica pro Lusitania vindicata à servitute injusta, ab jugo iniquo, à tyrannide immani Castellæ, jure, virtute, & operâ Joannis IV. Justi Regis, Legitimi Domini, optimi Parentis anno captivitatis sexagesimo. Parisiis. 1641. 4. & Ulyssipone apud Laurentium de Anvers. 1641. 8. & ibi apud Georgium Rodrigues eodem anno. 4. Barcelona por Jayme Romeu 1641. 4.

Jus succedendi in Lusitaniæ Regnum Domine Catharinæ Regis Emmanuelis ex Eduardo filio neptis Doctorum sub Henrico Lusitaniæ Regni ultimo Conimbricensium sententiis confirmatum. Parisiis apud Sebastianum Cramoisy. 1641. fol. He huma traducão da *Allegação de Direito, que na causa da succeção deste Reyno se fez por parte da Serenissima Senhora D. Catherina*, e sahio impressa em Lisboa 1580. fol. a qual traduzio o P. Macedo em o breve espaço de quinze dias, e a dedicou ao Cardeal de Richilieu, que dezejava ver os fundamentos por onde esta Coroa não pertencia à de Castella. No fim desta traducão acrecentou o Tradutor. *Apendix libri de actu, & jure possidendi Serenissimi Regis Joannis IV.*

Lusitania Vindicata. He huma traducão latina, em a qual diz ao Leitor. *Cum essem Parisiis octo Lusitaniæ vindicatæ exemplaria brevi tempore ex diversis Europæ partibus ad manus pervenere meas. Ea vero sibi singula discrepantia, & uno excepto omnia mendosa: igitur Lusitanam ipsam ex Archetipo quem præ manibus habeo sine crimine transcriptam edere visum est.* Sahio sem lugar, nem anno da impressão, mas do caracter se conhece ser em Lisboa, e no anno de 1641. 16.

Elogia Gallorum. Aquis Sextiis apud Stephanum David. 1641. 4.

Sacræ D. Magdalene Speluncæ vulgò saincte Baume prope Massiliam poetica citra fictionem descriptio. ibi apud eundem Typ. 1641. 8. Ulyssip. apud Michaellem Desland. 1683. no liv. *Carm. Selecta Macedi* à pag. 319.

Statua equestris Ludovici XIII. Parisiis. 1641. 4. & Ulyssip. apud Laurentium de Anvers. 1641. 4. & ibi apud Michaellem Tom. II.

Desl. 1683. 8. no *Carmin. Select.* à p. 155.

Cardinali Julio Mazzarino pro recens donata Purpura Elogium. Eidem Romam è Cathalonia redeunti. Parisiis 1641. 4. & Ulyssip. apud Michaellem Desland. 1683. 8. no liv. *Carmina Selecta* à pag. 285.

Excellentissimi D. D. Marchionis de Fontene Christiani Regis Galliarum apud Sanctam Urbem Oratoris solemnî pōpa invecti carmen, & acroama triumphale. Romæ per Dominicum Marcianum. 1641. 4. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes. 1683. 8. no liv. *Carmin. Select.* à pag. 225. Esta obra sahio com a seguinte.

Acroamata Gallie à novem Musis redita solemnî die pompæ pedestri oratione.

Illustriissimo, & Reverendissimo Domino Bretalio Archiepiscopo Aquensi rusticane suæ domus poetica descriptio. Parisiis 1641. 4. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes. 1683. 8. no liv. *Carmin. Select.* à pag. 187.

Poema epicum pro victoria Anglorum ab Hollandis mari comparata. Londini. 1641.

Panegyricus Urbano VIII. epico carmine. Lyra Barberina Urbano VIII. Sylva. Verso alcaico. Eidem Urbano super creatione Cardinalium recens facta *elogium.* Romæ apud Dominicum Martianum. 1642. 4. A *Lyra Barberina.* Sahio segunda vez impressa Ulyssipone apud Michaellem Deslandes 1683. 8. no livro *Carm. Select.* a pag. 17.

Honor Vindicatus. Rupellæ. 1642. 8.

Roma in Tabula Lusitana. Romæ apud Dominicum Martianum. 1642. 4. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes 1683. 8. no livro *Carmina Select.*

Sermaõ nas honras, que a Nação Francaza celebrou à memoria do Cristianissimo Luiz XIII. o Justo na sua Capella Real desta Cidade de Lisboa. Lisboa por Antonio Alvares Impressor d'El Rey. 1643. 4.

Montigiensis de Castellano hoste victoria. Ulyssipone apud Antonium Alvares Typ. Reg. 1644. 4.

Officium breve S. Joannis Evangelistæ ad usum Principis Theodosii. Ulyssipone apud Paulum Craesbeeck. 1644. 24.

Sermão da Soledade de Nossa Senhora na Capella Real. Lisboa por Paulo Craefbeeck. 1645. 4. Coimbra pela Viuva de Manoel Carvalho Impressor da Uuiversidade. 1654. 4.

Philipica Portugueza contra la inuestiva Castellana. Lisboa por Antonio Alvares Impressor d'El Rey. 1645. fol. Como escreveo este livro contra Filipe IV. Rey de Castella, imitou a Demostenes, que chamou Filipicas às eloquentes inuestivas contra Filipe Rey de Macedonia.

Propugnaculum Lusitano Gallicum contra calumnias Hispano-Belgicas in quo ferme omnia utriusque Regni tum domi tum foris præclare gesta continentur. Parisiis. 1647. fol.

Principi Condeo D. D. Ludovico Borbonio Epinicum, & Elogium. Parisiis apud Dyonisium Langlæum. 1647. 4. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes. 1683. 8. no livro *Carmin. Selecta.* pag. 63.

Orpheus Tragicomedia in Aula Regia Palatii Parisiensis coram Rege Christianissimo Ludovico XIV. acta. Parisiis apud Dyonisium Langlæum. 1647. 4. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes Typog. Reg. à pag. 288. He dedicada ao Cardeal Mazarino, a quem fez hum largo elogio de obra Lapidaria, impresso no fim desta Tragicomedia.

Manifestum pro Regno Lusitaniæ. 1647. fol. Não tem lugar, nem anno da impressão.

Serenissimi Principis Petri Infantis Portugaliæ Genethliacon heroice dicatum Principi Theodosio cum ejusdem elogio. Parisiis apud Dyonisium Langlæum. 1648. 4. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes. 1683. 8. no livro *Carmin. Select.* à pag. 97.

Panegyris Soterica ob propulsatum Sacræ Eucharistiæ ope imminens ab immisso sicario periculum Serenissimo Regi Lusitaniæ Joanne IV. divinitus servato dicta. Parisiis apud Sebastianum Cramoisy. 1648. 4.

Laurus Harcurtica trilaurea Excellentissimo Principi Ludovico Lotharingio Comiti Armeniaco. Parisiis apud Dyonisium Langlæum. 1648. 4. & Ulyssipone

apud Michaellem Deslandes. 1683. 8. no livro *Carmin. Select.* à pag. 135.

Æreum trium imaginum Regiarum Ludovici XIII. Justi, Annæ Austriacæ, Ludovici XIV. Adeodati & Angeli super volantis spectaculum ad æternitatem expressum in bivio pontis commutatis collocatum. Parisiis apud Dyonisium Langlæum. 1648. 4. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes. 1683. 8. à pag. 111.

Sermon, que predicò a su Magestad de la Reyna Christianissima de Francia D. Anna de Austria Regente en su Real Palacio en 10. de Março el Martes segundo de la Quaresma del año 1648. Pariz per Dionis Langleo. 4.

Cortina Augustini de Prædestinatione, & Gratia adytis in centum Oracula reclusis Gregorii Magni, & D. Bernardi responsis confirmata. Monasterii per Christophorum Kengoolt. 1649. 4.

Isagoge ad doctrinam D. Augustini. ibi per eundem Typog. 1649. 4.

Elogia nonnulla, & descriptio Coronationis Serenissimæ Christianæ Suecorum Reginæ oratione soluta, & ligata. Holmiæ. 1650. fol.

Institutæ ab Excellentissimo Comite Cubiliarcho Extraordinario in Anglia Lusitaniæ Regio Legato navigationis, & inceptæ Legationis narratio. Londini apud Stephanum Bovvtell. 1652. 4. com hum elogio a Inglaterra.

Tessera Romana Autoritatis Pontificiæ adversus Buccinam Thomæ Angli, & Classicum Heterodoxorum. Londini. 1653. 4.

Controversia Ecclesiastica inter Fratres Minores. Londini. 1653. 4.

Domus Sadica regiis lineis firmata, Romanis columnis nixa, Sadicis Heroibus illustrata. Londini apud Guilielmum Dugard. 1653. fol. grande.

Lituus Lusitanus buccinæ Anglicanæ Thomæ Angli canenti occinens. Londini per R. Nortonum. 1654. 4.

Mens divinitus inspirata Santissimo Patri Domino Innocentio X. super quinque propositiones Cornelii Jansenii, & mens Divi Augustini illustrata de duplici adjutorio. ibi per eundem Typog. 1654. 4.

Rose Alexandrinæ Alexandro Papæ VII. recens creato. Romæ Typis hæredum Corbelletti. 1655. 4. Consta de hum Panegyrico em proza. Elogio de obra Lapidaria. A exaltação ao trono, Poema em estilo de Virgilio; a Coroação no estilo de Estacio, e a Cavalcata em o de Claudiano.

Christina Pallas togata Alexandri VII. auspiciis triumphatrix, sive Elogium Christinæ Sueciæ Reginæ. Romæ ex Typog. Rev. Cam. Apostol. 1656. 4.

Statua equestris Capitolina M. Aurelii cum oraculo ad Alexandrum VII. Romæ per Vitalem Mascardum. 1656. 4. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes. 1683. 8. à pag. 123.

Trophæum epicum pro victoria de classe Turcica celeberrima ad fauces Hellesponti parta, Venetiis erectum. Romæ apud Vitalem Mascardum. 1656. 4. Acrescentado sahio pelo Author. Patavii apud Cadorinum. 1680. fol. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes Typog. Reg. 1683. 8. no livro *Carmin. Select.* Macedi à pag. 341.

De Alexandri VII. Pontif. Max. inauguratione, Coronatione, Pompa triumphali Carmen. Item duo Epigrammata, & unica Elegia. Romæ apud Vitalem Mascardum. 1656. 4. & Ulyssipone apud Michael. Desland. Typog. Reg. 1683. 8. à pag. 29. e 33.

Panegyricus Alexandro VII. ob depulsam pestem. Romæ apud Vitalem Mascardum. 1657. fol.

Encyclopedia in agonem Litteratorum producta auspiciis Alexandri Maximi Papæ VII. Romæ Typis S. Congregat. de Propaganda Fide. 1657. fol. No principio propoem. *Agonis Leges.* Titulus primus. *Rationale, & doctrina veritatis Philosophicæ, & Theologicæ duodecim gemmis litterarū distinctum ad ideam.* Exodi cap. 28. conformatum. *Dicatum Eminentissimo Cardinali Flavio Chisio. Secundus. Tabernaculum Fæderis disciplinarum Juris Canonici, & Civilis, & Theologiæ Positivæ, & Sacræ Scripturæ duodecim Tentoriis more Castrorum Israeliticorum.* Num. cap. 2. pergyrum erectis circumdatum. *Dicatum Excellentissimo Domino Mario Chisio. Tertius.*

Tom. II.

Corona Gnoſſia novem syderibus illustris pro litteris antiquioribus. Dicata Excellentissimo Principi Augustino Chisio.

Farnesii Purpura ad D. Marium Albericum. Ode Alcaica. Romæ Typis Mascardi. 1658. fol.

In navim Barberinam. Ode Alcaica. ibi per eundem Typog. 1658.

Vitæ Sanctorum Joannis de Matha, & Felicis de Valois Fundatorum Ordinis Sanctissimæ Trinitatis Redemptionis Captivorum, & ipsius familiæ pia studia, & eximii fructus. Romæ apud Angelum Barnabò à Verme. 1660. 8.

Theatrum Methereologicum, in quo ignea, aquea, terrestria, subterranea, & iis mixta metheora spectantur. Romæ typis Jacobi Dragondelli. 1660. 8. No prologo deste livro diz o Author. cap. 15. *de ignibus subterraneis. Nosque superioribus annis simile exemplum atulimus maris ad Insulas Tertias ardentis mirabili sane incendio; cujus causam & investigavimus, & compertam in lucem dedimus Tractatu ea de re accurate scripto.*

De Clavibus D. Petri. Tom. 1. in quattuor libros divisus. 1. de Clavi Pontificiæ dignitatis. 2. de Clavi Sacræ Scripturæ. 3. de Clavi fidei dogmaticæ, & practicæ. 4. de Clavi Sacramentorum adductis tribus de hæresi, & schismate; de Sacerdotio Christi, de peccato originali controversiis. Romæ apud Philippum Mariam Mancinum. 1660. fol.

In obitum Eminentissimi Principis Cardinalis Bernardini Spadæ Nænia Lyrica cum ejusdem epitaphio. Romæ per eundem Typog. 1661. 4. & Ulyssipone apud Michaellem Deslandes Typ. Reg. 1683. 8. no livro *Carmina Select.* Macedi a pag. 375.

Archigymnasij Romanæ Sapientiæ ab Alexandro VII. Pont. Max. perfecti, lustrati, consecrati postridie Idus Novembris descriptio. Romæ apud Jacobum Dragonellum. 1661. 8. No fim tem estas palavras. *Scribebat uno post mense quàm dedicata est ab Alexandro Sapientia ejusdem anni.* 1660. Franc. Macedo.

Diatriba de adventu D. Jacobi in Hispaniam. Romæ apud Philippum Mariam Mancini. 1662. 4.

Controversiæ Selectæ adversus hereticos, & scismaticos. Romæ per eundem Typog. 1663. 24.

Reverendissimi P. Abbatis D. Hilariionis Rancati in ejus exequiis præsentè corpore ad Sanctæ Crucis in Hyerusalem habita laudatio. ibi per eundem Typog. 1663. 4.

Funeris in Cardinalem Julium Sachtum Oratio. ibi per eundem Typog. 1663. 8.

Scholæ Theologicæ ad doctrinam Catholicorum, & confutationem hereticorum aptæ. ibi per eundem Typog. 1664. fol.

Oratio funebris in Reverendissimi P. Pauli Luchini Exgeneralis Augustiniani Justis in Templo D. Augustini habita. ibi per eundem Typog. 1664. 4.

Affertor Romanus, sive vindiciæ Romani Pontificis, & Pontificatus. ibi per eundem Typog. 1666. fol. Esta obra fahio cinco annos depois com huma epistola dedicatoria em Padua com este titulo *Medulla Historiæ Ecclesiasticæ emaculata, emedulata, vindicata.* fol.

Vita Teresiæ Reginæ Legionis, & Sanctiæ Domine Jerabricæ Sororum Lusitanarum Sanctimonialium Cisterciensium Sancti Bernardi instituti, quæ vulgò Sanctæ Reginæ appellantur. ibi per eundem Typog. 1667. 8.

Litteræ officiosæ reciproæ Marci ad Petrum, & Petri ad Marcum super acceptis à S. D. N. Clemente IX. Papa in Cretenfi obsidione auxiliis. Venetiis. 1668. 4. Obra Poetica, & consta de huma fol.

Concentus Euchologicus Sanctæ Matris Ecclesiæ in Breviario, & S. Augustini in libris; adjuncta armonia Exercitiorum S. Ignatii S. I. Fundatoris, & operum Sancti Augustini Ecclesiæ Doctõris. Venetiis apud Cieras. 1668. fol.

Lucerna Macedi ad Lucernam Cleanthis. Patavii Typis Frambotianis. 1669. 16.

Epithalamium Serenissimorum Principum Joannis Federici Brunsvuici, & Luneburgici Ducis, & Benedictinæ Palatinæ. Patavii apud hæredes Pauli Frambotti. 1668. 4. Verso heroico. Sahio Ulyssipon. apud Michael. Desland. Typ. Reg.

1683. 8. no Carm. Select.

Phœnix Creticus Catharinus Cornelius, Venetus heros incendiarii pulveris operâ extinctus tribus Francisci Macedo operibus Epigrammate, Elogio, Laudatione redivivus. Venetiis apud hæredes Pauli Frambotti. 1669. 4.

Panegyricus S. D. N. Clementi Papæ IX. Patavii dictus. ibi per eodẽm Typog. 1669. 4.

Vita Venerabilis Toribii Alfonsi Mogrovegii Archiepiscopi Limensis ex actis legitimis de mandato Sacr. Rit. Congregationis operâ Ordinarii confectis, deprompta. Patavii Typis Petri Mariæ Frambotti. 1670. 4.

Pictura Venetæ Urbis ejusque partium in tabulis latinis, coloribus oratoriis, & pigmentis colorata. Venetiis apud Cieras. 1670. 4.

Votum Poeticum in triumphali pompa Excellentissimi Domini D. Francisci à Sousa Comitis Prati, Marchionis Minarum Legati Extraordinarii à Serenissimo Principe Petro ad Clementem X. Patavii apud Petrum Mariam Frambotti. 1670. 4. Consta de hum largo Poema heroico latino. Sahio Ulyssipone apud Michael. Desland. 1683. 8. no Carm. Select. à pag. 201.

Collationes doctrinæ D. Thomæ, & Scoti cum differentiis inter utrumque; textibus utriusque fideliter productis, sententiis subtiliter examinatis, commentariis interpretum Caietani imprimis, & Liche-ti diligenter excussis, & aliarum pene Scholarum præcipue Jesuiticæ Suario, & Vasquio Authoribus controversiis apte prolatis. Tomus primus. Patavii apud Petrum Mariam Frambotti. 1671. fol.

Tom. secund. ibi per eundem Typog. 1673. fol.

Eminentissimo D. Everardo Nithardo elogium cum Anagramate. Patavii apud Jacobum de Candorinis. 1672.

Serenissimi Cosmi III. Magni Ducis Etruriæ Sacellum. Florentiæ. 1673. 4. Obra Poetica.

Rev. P. Fr. Joannis Bona Abbatis Generalis Cisterciensis ex Congregatione Fuliensium doctrina de Usu Fermentati in Sacrificio Missæ per mille, & amplius annos à Latina Ecclesia observato, dum esset

esset Abbas, antequam R. E. Cardinalis (qualis nunc est) crearetur, examinata, expensa, refutata. Ingolstadii. 1673. 8. Esta obra, que certamente foy impressa em Veneza, ainda que dizia ser em Ingolstadio, sendo prohibida em Roma pela excessiva acrimonia, com que o Author tratava ao Cardeal Bona, segunda vez a publicou com este titulo.

Eminentissimi, ac Reverendissimi D. Cardinalis Bona doctrina de Usu Fermentati in Sacrificio Missæ per mille, & amplius annos à Latina Ecclesia observato in suo libro Rerum Liturgicarum cap. 23. examinata, & expensa. Veronæ 1673. 8.

Disquisitio Theologica de ritu Azymi, & Fermentati Sanctissimo D. N. Clementi Papæ X. dicata. Veronæ Typis Rubeis, & Gambæ. 1673. 4.

Commentationes due Ecclesiasticæ Polemicæ. Altera pro S. Vincentio Lirinensi, & S. Hilario Arelatensi, & Monasterio Lirinensi. Altera pro Sancto Augustino, & Aurelio, & Patribus Africanis. Venetiis ex Typog. nova Rubeana. 1674. 4. O primeiro destes dous Tratados he contra Fr. Henrique de Noris; e o segundo contra Fr. Christiano Lupo, ambos Eremitas Augustinianos igualmente doutissimos na Sagrada Theologia, e Historia Ecclesiastica. Para responder a Macedo, sahio Noris com huma pequena obra impressa em Florença no anno de 1674. com este titulo. *Adventoria Ven. P. Macedo in Patavina Academia Ethices Interpreti in qua de inscriptione libri S. Augustini de Gratia Christi, Albine, Piniane, & Melania differitur.* Tanto que Macedo leo a impugnação de Noris, compoz em hum dia, e se imprimio em tres huma carta, na qual acremente impugnava ao seu Contendor, e a publicou em nome de hum seu discipulo com este titulo.

Fratri Archangeli de Parma Socii Patris Macedo Epistola obvia Adventoria Fr. Noris super Quæstione Grammatica. Romæ 1674. 4.

Para que não passasse a mayores excessos esta Litteraria contenda, prohibio com judiciosa cautela a Sagrada Congregação a ambos os Contendores não es-

crever sobre aquella materia, de cuja prohibição estimulado Macedo, como não pudesse refrear o impeto de seu ardente genio, publicou hum Cartel, em que dezaafiava ao P. Noris para vocalmente defender a sua opiniaõ, e arguir com toda a vehemencia a este Antegonista, o qual não aceitou o duello. O Cartel impresso em huma folha constava das seguintes Clausulas, e o traz Gregorio Leti no 4. Tom. da Ital. Regnante. p. 502.

Libellus provocationis ad Certamen litterarium in causa Gratia, & Augustini missus à P. Fr. Francisco S. Augustini Macedo Observante ad P. Fratrem Henricum Noris Eremitam Augustinianum.

Causa Duelli

Studium defendendæ doctrinæ Gratia Christianæ, & Augustiniane ab erroribus, & calumniis: quod est antiquissimum Macedo.

Occasio

Dictum Noris de Macedo in Vindic. August. cap. 3. vers. 2. pag. 26. Pater Macedo mihi autor fuit, ut tum Historiam Pelagianam, tum hasce vindicias evulgarem. Non potuit Macedo suasor esse operis in quo cum plurima sunt à veritate aliena, tum nonnulla adversa Gratia, & Augustino.

Jus

Quando non licet per Superiores quidquam mandare typis, reliquum est, ut certamine decernatur.

Materia

Tredecim propositiones Noris pugnant cum doctrina Gratia, & Augustini. Errores tres inde pullulantes. Decem injuriæ illatæ Augustino.

Modus

Propositiones suis uti sunt in libro Noris conceptæ verbis perspicue afferentur. Errores fideliter adducentur; Augustini injuriæ manifeste exponentur; ob signatis libellis, productis testimoniis, ut negari nequeant.

Finis

Veritas, & honor Augustini.

Eventus

Noris prævaricator, & desertor Gratia, & Augustini.

Macedo utriusque defensor, & vindex apparebit.

Lex

Noris quibus cumque armis, & sociis
velit uti licitum esto.

Macedo, vel cum minimo provocat,
in uno Augustino omnia sunt.

Ero Bononiæ.

Responsio ad Notas nobilis Critici anony-
mi in Apologiam Rev. P. Fr. Thomæ
Mazzæ Inquisitoris Genuensis pro Joan-
ne Annio Viterbiensi. Veronæ per Joan.
Baptistam Merlò 1674. 4.

Myrothecium morale documentorum
tredecim, quæ sunt totidem lectiones su-
per textum Aristotelis lib. 8. Ethicorum
de Amicitia. Patavii apud Jacobum de
Cadorinis. 1675. 4. No fim estaõ as se-
guintes obras. Lamentationes Hyeremiæ
elegis redditæ. Feria Quinta, in Cæna
Domini. Feria Sexta, in Parasceve, &
Sabbato Sancto, & Psalm. Miserere mei
Deus ad Elegiam redactus. Sahiraõ re-
impressas estas obras Poeticas Ulyssip.
apud Mich. Desland. 1683. 8. no livro
Carm. Select. desde pag. 345. atè 373.

Panegyrico Sacro del Serafico P. S.
Francesco per recitarsi nel giorno festivo
de suoi Natalitii, nel Convento dell' Il-
lustr. Madri di S. Lorenzo di Venetia.
Padova por Jacobo de Cadorinis 1675.
fol.

Schema illustre, & Genuinum Sancti
Officii Romani cum elegiis Eminentissi-
morum Principum Cardinalium cum corol-
lario de infallibili authoritate Summi Pon-
tificis in mysteriis Fidei proponendis, de
ejusdem controversiis decidendis. Patavii
apud Cadorinum. 1676. 4.

Discorso Academico: qual goda con
più diletto la Representatione Comica o
Tragica, ò mista di un Palco; si un Cie-
co che senta, o un sordo che veda. Pa-
dova apresso Cadorino. 1676. 4.

Responsiones P. Macedo adversus pro-
positiones parallelas Fr. Joannis à Gui-
dicciolo collectæ ab Annibale Riccio Ve-
neto. Venetiis 1676. 4.

Propositiones parallele Michaelis Baii,
& Henrici de Noris à P. Fr. Joanne à
Guidicciolo Minorita observante Mantua-
no. Francofurti apud Joannem Petrum
Zubrod. 1676. 12.

Directa responsio P. Joannis à Guidic-
ciolo ad responsiones P. Henrici de No-

ris factas sub nomine Rev. P. Francisci à
S. Augustino Macedo super Propositioni-
bus parallelis ejusdem Noris, & Baii fol.
sem lugar da impressaõ.

Prodomus velitaris pro Augustino con-
tra Henricum de Noris. Moguntia 1676.
fol. com o nome de Fr. Bruno Neussad.

Henricus de Noris Dogmatistes Au-
gustino injurius, Summis Pontificibus,
Cardinalibus, Sanctis Patribus, Docto-
ribus Scholasticis infestus, demonstratus.
Augustæ apud Joannem David Jannor.
1676. 8. Sahio esta obra com o supposto
nome D. Fulgentii Risbrochii Poloni
Can. Later. Doctoris Theologi, & Ab-
batis privilegiati.

Responsa P. Francisci Macedo adver-
sus Gerras Germanicas Germanitatum
Cornelii Jansenii, & Henrici Noris col-
lecta ab Annibale Riccio Veneto S.
Theologie Baccalauro. Venetiis Typis
Alexandri Pezzanæ 1677. fol.

Manifestatio veritatis, & responsio ad
Propositiones Henrici de Noris Authore
Fr. Hilario à Ragusa Minorita obser-
vante Generali Theologo. fol. Naõ tem
lugar da impressaõ.

Confutatio Palidoniæ sub nomine P.
Henrici de Noris publicatæ. fol. Sem lu-
gar da edicãõ.

Panegyricus Innocentio XI. Patavii
apud Cadorinum 1677. fol. He muito
extenso, e elegante.

Trifavus compositus ex Panegyrico,
Elogio, Poemate conditus Illustrissimo
Reverendissimo, Excellentissimo Domino
D. Aloysio Souza Archiepiscopo Bracha-
rensi Primati Hispaniarum ad Papam In-
nocentium XI. Legato Extraordinario
oblatus. Patavii apud Cadorinum 1677.
4. & Ulyssip. apud Michael Desland.
1683. 8. no livro Carm. Select. pag.
167.

Genethliacon Augusti Principis Joze-
phi Cæsaris Augusti Leopoldi Imperatoris
filii trilingue Latinum, Italicum, His-
panum. Consta de hum Poema Latino
muito largo, e duas Cançoens, huma
Italiana, e outra Castellhana. Venetiis
apud Antonium Tivani. 1679. fol. No
fim Corollarium pro Crepundiis missis à
Summo Pontifice Innocentio XI. Princi-
pi Jozepho Augusto. Consta de hum epi-
gram-

gramma, e huma elegia.

Panegyricus pro Laurea doctorali Illustriſſimæ Domine Helenæ Cornelie Piſcopiæ in Academia Patavina. Patavii 1679. 4.

Augustinus Eucharisticus, seu liber conflatus ex triginta testimoniis Sancti Augustini pro autoritate Corporis Christi, & aliis quæſtionibus ad Eucharistiam pertinentibus secundum Augustini doctrinam. Patavii apud Cadorinum. 1679. fol.

Elogia Poetica in Serenissimam Republicam Venetam, ejusque augustum Senatam, Tribunalia, Pontifices, Duces, sive Principes à primo Paulutio Anafesto usque ad præsentem Aloysium Contarenum Serenissimum, & felicissimum Principem ibi apud eundem Typ. 1680. fol. consta de 150. Epigrammas cada hum ao Retrato dos Doges desta Republica.

De ineffabili, et altissimo Incarnationis Myſterio, et aliis continentibus cum apparatu ad idem myſterium cum Tractatu de Immaculata B. V. Conceptione, et institutione Vitæ Apostolicæ. Ibi apud eundem Typ. 1680. fol. No fim desta obra imprimio *Itinerarium S. Augustini post baptismum susceptum* onde confessa, que era tal o affecto com que amava a este Santo Doutor, que muitas vezes se lhe reprezêtava na fantezia estando dormindo. Querendo impugnar este Tratado seu emulo Fr. Henrique de Noris, publicou com o affectado nome de Fr. Fulgencio Fosſeo, a seguinte refutaçaõ, que alludindo aos sonhos em que se lhe representava Santo Agostinho lhe poz o seguinte titulo. *Somnia quinquaginta Fr. Macedo in Itinerario S. Augustini post Baptismum Mediolano Romam: excutiebat levi brachio P. Fulgentius Fosſeus Augustinianus.* Lugd. Batav. 1681. 4.

In Nuptiis Serenissimæ Principis Victoris Amadei Ducis Sabaudie, et Elisabethæ Mariæ Franciscæ Infantis Lusitanæ Epithalamium. Poema Heroico. Naõ tem lugar nem anno da Impressãõ, mas do character se conhece ser impresso em Italia, e sahio no anno de 1682. em que se ajustou este augusto Conſorcio, que naõ teve effeito.

Carmina Selecta. Ulyſſipone apud

Michaelem Deslandes Typ. Reg. 1683. 8. He huma colleçaõ das suas Poefias Latinas da qual a mayor parte tinha sahido separada, que fez, e publicou o P. Antonio de Macedo da Companhia de Jesus, Irmaõ do Author, de quem em seu lugar fizemos larga memoria. Desta colleçaõ fazem memoria Cinelli *Bib. Volant.* e o P. Niceron *Mem. des Hom. Illust.* Tom. 31 pag. 338.

Discrizione della Veneria del Ducu di Savoia 8. Sem lugar, nem anno da edicaõ. He em verso

Clavis Augustiniana liberi arbitrij à servitute necessitatis concupiscentiæ vindicati. Impresso em meya folha. He contra Noris, conforme escreve Cinelli na sua *Bib. Volant.*

Cathalogo das obras M. S.

Lusiada de Luiz de Camoens, traduzida na lingua Latina M. S. 4. 2. Tom.

Esta traduçaõ, que consta de quasi dez mil versos correspondendo hum Latino a hum Portuguez, com igual fidelidade, que elegancia, compoz em Pariz no espaço de nove mezes para ser parto perfeito, cuja laborioza empreza intentou por insinuaçaõ do Excellentissimo Marquez de Niza D. Vasco Luiz da Gama Embaixador àquella grande Corte, quinto Neto do insigne Heroe Vasco da Gama glorioso argumento deste Poema. Naõ deixou perfeitamente limada esta obra como se vê do seu original em que alguns versos estaõ por acabar, certamente dignissima de sahir à luz publica para mayor credito do divino Camoens, por se lhe naõ diminuir em a menor parte o seu elevado espirito como se pode colher da primeira oitava do Poema. *Arma cano, celebresque viros qui à littore ponti*

*Occidui Lysij surgunt ubi mænia Regni
Per maria ante aliis nunquã tentata carinis
Ire vel extremos ultra potuere recessus
Taprobanes: bello egregii, fortesque periclis,
Plusquã humana ferat virtus, quam spondeat ausus,
Et nova regna inter gentes statuere remotas,*

Quæ tantum factis sublimia in astra tulere.
Histora

Historia de la expedicion del Brazil para recuperar la Bahia escrita no anno de 1624. 4. Desta obra faz menção o moderno addicionador da *Bib. Occident.* de Antonio de Leaõ. Tom. 2. Tit. 12. col. 676.

Liber de generibus, & differentiis stilium Rhetorici, tum Poetici, tum Historici, tum Epistolaris. 8.

Vida do Irmaõ Domingos Joaõ Jesuita. 8. e tambem em Latim.

Scientia Rhetorica; escrita em Madrid. fol.

Scientia Poetica. Opus accuratissimum. fol. Esta obra foy dolosamente furtada em Madrid por diligencia dos seus emulos.

Guerras de los Españoles con los Franceses. Madrid. 4. Conserva-se na Livraria do Duque de Villa-hermosa.

Descriptio Poetica Palatii Madritensis Rusticani heroico carmine. Consta de tres mil Versos, e se guardava na Livraria do Conde Duque de Olivares.

Adversaria collecta ex omnibus operibus S. Augustini. Esta obra, em que tinha consumido muito tempo, e applicado summo disvello, como estivesse escrita em folhas dispersas, e com muitas interlinhas a queimou o Guardiaõ do Convento, em que assistia o Author, imaginando que eraõ inuteis aquelles fragmentos, cujo successo sentio excessivamente por considerar frustrada a applicação de tanto estudo, e o que era mais, diminuida a gloria, que delle podia resultar à doutrina de Santo Agostinho.

Vita D. Rosæ Limensis Dominicanæ. Foy a primeira que se escreveu, e se conserva na Bibliotheca do Convento da Minerva em Roma.

Historia de bello Lusitano libri duo. He composta no estilo de Tito Livio, a qual interrompeo, quando partio para Inglaterra com o Embaixador Joaõ Rodrigues de Sa, Conde de Penaguiaõ, e Camareiro mór.

De Conciliis universalibus, & particularibus. fol.

Liber apologeticus contra Caronem, & Valsium Romanæ Ecclesiæ adversarios. 4.

Calamitas erudita. 4.

Diatriba de opinione probabili. 4.

Dissertatio de Validitate Matrimonii Ethnicorum præsertim Tunchinensium barbarorum. 4. Desta obra faz menção o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ. Tom. 1. Tit. 14. col. 455.

Collationes D. Thomæ, & Scoti. Tom. 3. Estava prompto para a impressão.

Prosper redivivus contra Narratorem. Accipiter, sive Sparaverius Rafrerii plumis vestitus, deplumatus, & viginti quinque errorum convictus.

Conciones viginti concionales in Librum Numeri.

Panegyrico di Santa Chiara.

Questiones tres positivæ pro dignitate, authoritate, & infallibilitate Sedis Apostolicæ Romanæ.

Augustinus Pontificius Romanus pro defensione Primatus Sedis Apostolicæ Romanæ ex locis ab Augustino decerptis.

Heroes Lusitani Governatores Indiæ Orientalis cum suis elogiis Poeticis in quibus eorum gesta continentur.

Raynaldo Cardinali Estensi elogium. fol.

Francisco Cardinali Albizzi elogium.

Urbano VIII. elogium. Principia. *Urbano VIII. Urbanissimo amæniorum litterarum favo.*

Reges Lusitaniæ distichis expositi.

Elogium Illustrissimæ Familiæ D. Hortensii Prænestrinæ.

Egloga in qua fortunam queritur suam.

Decimas de un peccador, que al punto, que pecava era castigado por Dios. Saõ 6.

Além das Obras impressas, e M. S. recitou publicamente 53. Panegyricos, 60. Oraçoens Latinas, 32. Funebres, e 48. Poemas Epicos. Escreveo 123. Elegias, 115. Epitaphios, 212. Epistolas Dedicatorias, 700. Familiares, 2600. Poemas heroicos, 110. Odes, 3000. Epigramas. 4. Comedias Latinas, e huma Satyra em Castelhana.

FRANCISCO ALCAFORADO

Escudeiro do Infante D. Henrique filho do Serenissimo Rey D. Joaõ o I. e seu companheiro no celebre descubrimento da Ilha da Madeira, escreveu com igual singeleza, que individuação.

Relação do Descubrimento da Ilha da Ma-

Madeira, cujo original eu guardo (são palavras de D. Francisco Manoel de Mello *Epanaf. de var. Hist.* pag. mihi 278.) como joya preciosa, vindo á minha mão por extraordinario caminho.

Fr. FRANCISCO DE ALCOBAÇA, cujo apellido denota o lugar, que lhe deu o nascimento, e Monge da famosa Abbadia, Cabeça da Ordem Cisterciense neste Reyno, situada na mesma Villa de Alcobaça. Foy ornado de singular prudencia, natural discrição, e religiosa observancia. Floreceo pelos annos de 1597. Compoz

Contra Judaicam perfidiam maxime contra hujus temporis Judæos. Da obra, e do Author se lembraõ Carol. de Vich. *Bib. Cisterc.* Carol. Joseph Imbonat. *Bib. Latin. Heb.* pag. 40. 2. 162. e Fr. August. Sartor. *Cisterc. Bistert.* pag. 565. in quo falla da obra) in obstinatissimam gentem doctissima fulmina detonuit.

D. FRANCISCO DE ALMEYDA Cômendador do Sardoal da militar Ordem de S. Tiago, setimo filho de D. Lopo de Almeyda, primeiro Conde de Abrantes, e de D. Brites da Sylva, filha de Pedro Gonçalves Malafaya Vêdor da Fazenda d'ElRey D. Affonso V. foy hum dos mayores Heroes, que produzio Portugal, dilatando o immortal ecco da sua fama, desde Lisboa, que lhe deu o berço, até onde o Sol tem o seu Oriente. A primeira escola, em que praticou os marciaes espiritos, que lhe animavaõ o peito, foy o Reyno de Granada, onde em obsequio dos Reys Catholicos triunfou muitas vezes dos Sequazes de Mafoma, merecendo pela heroicidade das suas acçoens particular estimação daquelles Principes, principalmente em a Cidade de Toledo, quando o nosso Serenissimo Rey D. Manoel se foy coroar herdeiro da Coroa de Castella. Era taõ respeitada a sua pessoa, que ElRey D. João o II. que zelava com escrupulosa observancia a veneração devida à Magestade, o fez sentar consigo à meza com igual enveja, que admiração de todos os Palacianos. Certificado ElRey D. Manoel das grandes virtudes, que ornavaõ

Tom. II.

a hum taõ insigne Vassallo, quaes eraõ a disciplina militar nos conflictos, summa constancia nas adversidades, heroica resolução nas empresas arduas, e ardente zelo da gloria da Nação, e do serviço do seu Principe, o nomeou primeiro Vice-Rey do Estado da India, para que debaixo da sua prudente direcção, e fulminante espada se dilatasse aquelle Emporio contra a violencia armada dos Potentados da Asia. Partio a 25. de Março de 1506. em huma poderosa armada, que constava de 22. náos guarnecida de mil, e quinhentos soldados, entre os quaes se distinguia seu filho D. Lourenço de Almeyda, e para que fosse patente a todos a honra, com que ElRey D. Manoel o tratava, o acompanhou até o lugar do embarque com toda a Nobreza, e innumeravel multidão de povo. Logo que tomou as redeas do governo, desempenhou o alto conceito, que se tinha formado do seu valor heroico, obrando acçoens dignas da immortalidade da fama. Para estabelecer solidamente o Emporio Portuguez Asiatico, lhe abriu os alicesses com a fundação das Fortalezas de Sofala, Quiloa Anchediva, e Cranganor inexpugnaveis propugnaculos contra a invasão dos Principes Orientaes. Derrotou aos Reys de Quiloa, e Mombaça, e fez tributarios os de Ceylaõ, e Batecala, entregando à voracidade do fogo tudo o que escapara da violencia do ferro. Alcançou gloriosas victorias em Dabul, Onor, e Panane, sendo a mais celebre de todas a em que destruiu a 3. de Fevereiro de 1509. a formidavel Armada do Soldaõ do Egypto, de que era General Mirstocem. Foy inimigo jurado do interesse como paixaõ indigna de animos generosos, de tal sorte, que concedendo-lhe ElRey, que nos despojos, assim terrestres, como maritimos reservasse para si huma peça de valor de quinhentos cruzados, nunca escolheu entre tantas conquistas, e victorias alcançadas pelo seu braço mais que algum instrumento militar, em que se adullava o seu genio guerreiro. Coroado de tantos triunfos, partio da India para Portugal a receber o premio merecido às suas gloriosas empresas, quando ao dobrar o

N

Ca-

Cabo da Boa Esperança, querendo prover-se a Armada de agua na Aguada de Saldanha, se travou no primeiro de Março de 1510. hum conflicto dos nossos soldados com os barbaros, que habitavaõ aquella terra, de que se seguiu empenhar-se o Vice-Rey no desfagrado daquela offensa, e sahindo a terra com os principaes Cavalheiros, depois de hum porfiado combate, em que morreraõ Lourenço de Brito, Copeiro d'ElRey D. Manoel, que defendera alentadamente a Praça de Cananor, Manoel Telles, Pedro Barreto de Magalhaens, e outros Fidalgos, cahio D. Francisco de Almeida atravessado pela garganta, cujo tragico successo será eternamente lamentavel na posteridade, acabando com fim taõ infausto hum Varaõ digno de mais larga vida, e honorifica sepultura. Foy cazado com D. Joanna Pereira, filha de Vasco Martins Moniz, Commendador de Panoyas, e Garvaõ em a Ordem de S. Tiago, e de D. Aldonça Cabral, filha de Estevaõ Soares de Mello, sexto Senhor de Mello, e D. Thereza de Novaes de Andrade, de quem teve a D. Lourenço de Almeyda, morto na batalha de Chaul, e a D. Leonor de Almeyda, que cazou com Francisco de Mendouça, filho herdeiro de Pedro de Mendouça Alcayde mór de Mouraõ, Capitaõ que fora de Ormuz, e irmaõ da Duqueza de Bargaça D. Joanna de Mendouça, por cuja morte passou a segundas vodas com D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal, primeiro Marquez de Ferreira, de quem teve dous filhos, e tres filhas. A sua memoria celebraõ gravissimos Escriitores, como saõ Garcia de Rezende *Miscellan.*

*Vi o Vice-Rey primeiro,
Que á India foy mandado,
Muy vallente Cavalleiro,
Sem cobiça verdadeiro,
Muy sezudo, muy avizado.*

*Hos Rumes desbaratou,
Com que ha India segurou
Tomou Quiloa, e Mombaça.
Parece cousa de graça
Ver de que morte acabou.*

Maffeo Hist. Ind. lib. 4. p. mihi 78. clarissimus Imperator, & vir integerrimus cū Europam, & Asiam victoriis peragrasset

in Africæ demùm ignoto littore ad ludibriū rerum humanarum ab nudis, & teterrimis Ætiopibus interfectus. Castanheda. Hist. do descobrimento da Ind. liv. 2. cap. 124. Foy homem de corpo meo, e membrudo, e de rosto grave, e de grande magestade, foy muito devoto, e amador de N. Senhor, e guardava seus Mandamentos segundo parecia. Foy taõ piedoso, que nunca castigou ninguem, que primeiro ho naõ reprendesse tres vezes. Foy de condiçaõ muito magnifica, e liberal, segundo se vio nos muitos bens, que fez aos homens, em quanto governou assi à sua custa como a d'ElRey, no que se extendia seu poder. Foy muito izento para fazer o que lhe parecia bem, porèm com conselho, e foy muito prudente, e discreto, e foy de taõ altos pensamentos, que muitos lho atribuiã a vaidade, principalmente seus amigos, &c. Faria Azia Portug. Tom. 2. Part. 2. cap. 3. Hazia se venerar por lo grave de la presençia, por lo acertado del consejo, y por lo pontual de la cortezia. Descobrio en el el tiempo una estremada continencia, una capital enemistad com la codicia, y una concordancia fixa con la liberalidad, y gratitud. Olor. de rebus Emman. lib. 4. virum insigni virtute præditum, & lib. 6. vir probitate, & liberalitate, & rebus gestis admirandus. Barros Decad. 2. da Ind. liv. 3. cap. 10. Era homem de honrada prezença, Cavalleiro de Conselho, e de Corte, e por esta, e por outras qualidades de sua pessoa muito estimado. Fr. Ant. de S. Rom. Hist. de la Ind. Orient. liv. 1. cap. 27. aviendo conseguido insignes victorias em Azia, y Europa al fin vino a rematar su vida en una infame playa de Africa. Maris Dial. de var. Hist. Dial. 4. cap. 15. Pessoa de altos merecimentos, e nobres qualidades para grandes, e difficultosas emprezas. Franc. de Santa Maria Diar. Portug. pag. 28. Obrou acçoens dignas de immortal memoria. FONSEC. Evor. Glorios. p. 130. Sogeito de esclarecidas prendas, que com a toga, e com a espada foy o primeiro Cezar da India. Barbud. Emprez. Milit. de Lusit. fol. 144. vers. Fue assombro de varias, y belicosas naciones, y puso debaxo del yugo Portugues algunas dellas. Escreveo

Carta a ElRey D. Manoel. Principia gran-

grande paixão he para mi escrever esta carta a V. A. He muito larga, e judiciosa, onde se justifica de quanto tinha obrado na India.

Ordem expedida em Cochim a 26. de Mayo de 1508. para syndicar de Affonso de Albuquerque.

Carta escrita a Cogeatar.

Estas duas obras se achão impressas nos *Coment. do grande Affonso de Albuquerque.* A primeira na 1. part. cap. 58. e a segunda cap. 62. e dellas faz menção o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leão Tom. 1. Tit. 3. col. 69.

FRANCISCO DE ALMEYDA natural de Coimbra, em cuja Universidade se applicou ao estudo da Medicina, e nella sahio taõ perito, que a exercitou com feliz methodo em beneficio de diversos enfermos sendo Medico do Collegio dos Padres Jesuitas da sua patria, e vendo que muitos dos que nella estudavaõ, morriaõ consumidos de febre Tyfica, depois de observar com judiciosa investigação as cauzas donde procedia aquella enfermidade, compoz como affirmou seu filho em Roma a 31. de Dezembro de 1677. ao Padre Francisco da Cruz Jesuita, que assim o deixou notado nas *Mem. M. S. para a Bib. Portug.* o seguinte Tratado.

De Causis cur scholastici Conimbrienses S. J. tam crebro interirent, M. S.

D. FRANCISCO DE ALMEYDA naceo em Lisboa a 31 de Julho de 1701. sendo filho de D. Joaõ de Almeйда Conde de Astumar, Embaxador Extraordinario à Magestade de Carlos III. em Barcelona, Conselheiro do Estado, e Gentilhomen da Camera de El Rey D. Joaõ V. e de D. Isabel de Castro Dama da Raynha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de D. Joaõ Mascarenhas segundo Conde da Torre, primeiro Marquez de Fronteira, Conselheiro de Estado, e D. Magdalena de Castro filha de Francisco de Sá, e Menezes terceiro Cõde de Penaguiãõ. Depois de instruido nas linguas Latina, Italiana, e Franceza, e nos preceitos da Musica, estudou quando contava 14. annos de idade Fi-

Tom. II.

losofia em a Congregaçaõ do Oratorio desta Corte, e passando à Universidade de Coimbra foy admitido em o Real Collegio de S. Paulo por Porcionista a 21. de Outubro de 1717. Applicouse à Sciencia do Direito Pontificio em que recebeu o grão de Licenciado a 5. de Junho de 1723. Sendo Arcediago de Saõ Pedro de França em a Cathedral de Vizeu, foy promovido a Deputado da Inquiziçaõ de Lisboa, e a Promotor da de Coimbra de que tomou posse a 13. de Março de 1730. donde sobio a Principal da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa a 13. de Janeiro de 1738. A profunda, e vasta noticia que com incantavel disvelo tinha adquirido da Historia Ecclesiastica o fez merecedor de ser admitido ao numero dos Collegas da Academia Real a 13. de Mayo de 1728. onde exercitou o lugar de Censor sendo as obras que tem publicado os mais illustres e patentes argumentos da sua grande capacidade, e sublime talento, que saõ as seguintes.

Pratica com que congratulou a Academia Real de estar eleito seu Collega. Sahio no Tom. 8. da *Colleçaõ dos documentos da Acad. Real.* Lisboa por Joseph Antonio da Sylva. 1728. fol.

Conta dos seus Estudos Academicos recitada no Paço a 7. de Setembro de 1728. Sahio no dito Tom. 8.

Conta dos seus Estudos Academicos recitada no Paço a 22. de Outubro de 1729. Sahio no Tom. 9. da *Colleç. dos Documentos da Acad. Real* ibi por eundem Typog. 1729. fol.

Conta dos seus estudos Academicos recitada na Academia em 21. de Junho de 1731. Sahio no Tom. 11. da *Colleç. dos Docum. da Acad. Real.* Ibi per eundem Typ. 1731. fol.

Censura de huma opiniaõ do P. Paschasio Quesnel do Oratorio de Jesus Christo de Pariz, que no livro intitulado Discipline de l'Eglise tiree du nouveau Testamēt, et quelques anciens Conciles pertende provar que a Disciplina Ecclesiastica das Igrejas de Espanha, foy dependente das de França. Lisboa por Joseph Antonio da Sylva Impressor da Academia 1731. 4. grande, e no Tom. 11. dos *Documentos*

N ii

da

da *Academia Real* ibi pelo dito Impresfor, e anno. fol.

Primeira Differtação Critica contra as Memorias para a Historia do Bispado da Guarda sobre alguns pontos da disciplina Ecclesiastica de Espanha. Lisboa por Joseph Antonio da Sylva 1733. 8. grande, e no Tom. 12. da *Collec. dos Documentos da Academia Real* ibi pelo dito Impresfor, e no mesmo anno fol.

Aparato para a Disciplina, e Ritos Ecclesiasticos de Portugal. Parte primeira na qual se trata da origem, e Fundaçã dos Patriarchados de Roma, e Alexandria, e Antiochia, e se descreve com especialidade o Patriarchado do Occidente, mostrando que as Igrejas de Espanha lhe pertencião por direito particular, e por occasiã desta materia se disputaõ bastantes questoes pertencentes à disciplina Ecclesiastica curiosas, e não vulgares Tom. 1. Lisboa por Joseph Antonio da Sylva Impresfor da Academia. 1735. 4. grande.

Tom. 2. Lisboa pelo dito Impresfor, e no mesmo anno.

Tom. 3. Lisboa pelo dito Impresfor 1736. 4. grande.

Tom. 4. Lisboa Na Real Officina Sylviana, e da Academia Real 1737. 4. grande.

Carta escrita ao Padre Fr. Marcelliano da Ascençã Monge Benedictino em repoztade outra que se apresenta, em que o consultava sobre varios pontos historicos da Religião Benedictina. Lisboa por Joseph Antonio da Sylva Impresfor da Academia 1738. 4. grande.

Fazem delle mençã Soufa no *Apparato á Historia Gen. da Caz. Real Port.* pag. 172. 215. e meu Irmaõ D. Joze Barboza *Mem. do Colleg. de S. Paulo* pag. 395. e no *Archiath. Lusitan.* p. 142.

P. FRANCISCO DE ALMEYDA natural dos Campos da Cachoeira, em o Reconcavo da Cidade da Bahia Capital da America Portugueza, filho do Capitã mór Amaro Ferreira de Almeyda, e Barbara de Soufa de Almeyda. Recebeo a Roupeta de Jesuita em o Collegio da Bahia a 7. de Dezembro de 1721. quando contava 15. de idade. Aprendeo, e di-

stou as Sciencias amenas, e severas com igual aplauso do seu nome, que emulamento dos seus ouvintes. Publicou por primicias do seu talento Poetico, e concionatorio as seguintes obras.

Orpheus Brasílicus, sive eximius Elementaris mundi Harmostes: nempe V. P. Josephus de Anchieta novi Orbis Thaumaturgus, & Brasíliæ Apostolus. Ulyssipone apud Antonium de Souza da Sylva. 1737. 4. He Poema em verso heroico.

Sermaõ de São Francisco Xavier Protector da Cidade da Bahia, na Solemnidade anniversaria com que o festeja o nobilissimo Senado da Camera pelo beneficio que fez a todo o Estado do Brasil livrando-o da peste chamada vulgarmente a bicha. Lisboa na Officina dos herdeiros de Antonio Pedrozo Galraõ. 1743. 4.

Oraçã Ethica, e Politica da Terceira Quarta Feira da Quaresma na Misericordia da Bahia, em o anno de 1742. Lisboa na mesma Officina. 1743. 4.

FRANCISCO DE ALMEYDA CABRAL natural da Cidade de Lamego, onde teve por Pays a Antonio de Almeyda, e D. Maria Cabral ornados de igual nobreza, que Christandade Aprendidas as letras humanas em que logo deu manifestos sinaes da viveza do seu engenho, passou á Universidade de Coimbra, e applicandose á Faculdade do Direito Cesareo penetrou com subtilaza, e praticou com integridade os seus mais difficultosos Textos. Depois de exercitar os lugares de Corregedor do Crime da Corte, e de Dezembargador dos Aggravos na Caza da Supplicaçã, de que tomou posse a 3. de Abril de 1642 foy Senador Palatino, merecendo pela natural affabilidade do seu genio a estimaçã dos Grandes, e a veneraçã dos pequenos. Morreo em Lisboa a 14. de Mayo de 1654. e foy depositado em o Convento de N. Senhora da Graça, para ser transferido á Capella mór de N. Senhora da Piedade do Convento dos Eremitas de Santo Agostinho da Cidade de Lamego, de que era Padroeiro. Delle se lembra Antonio Carvalho da Costa *Corog. Port.* Tom. 2. Trat. 6. cap.



6. cap. 1. Publicou.

Allegação de Direito na Causa do Morgado de Medello, que moveo a D. Catharina Coutinho hoje cazada com D. Antonio Luiz de Menezes. Lisboa por Antonio Alvares Impressor Del Rey. 1643. fol. He muito difusa, e douta.

FRANCISCO DE ALMEYDA JORDAM Cavalleiro professo da Ordem de Christo, filho de Ignacio de Almeyda Jordão Cavalleiro da Ordem de Christo, e de D. Thereza Ignacia de Azevedo, naceo em Lisboa a 31. de Dezembro de 1712. Sendo formado pella Universidade de Coimbra em a faculdade dos Sagrados Canones, traduzio da lingua Castellhana em a materna, acrescentando varias addicoens utilissimas, e hum novo appendix das Leys de Portugal.

Arte Legal para estudar a Jurisprudencia, com a exposiçao aos Titulos da Jurisprudencia do Emperador Justiniano do Licenciado Francisco Bermudes de Pedraça Advogado nos Tribunaes de Sua Magestade Catholica. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1737. 4.

FRANCISCO ALVARES natural de Coimbra, e Capellaõ do Serenissimo Rey D. Manoel, de cujo talento certificado este Principe o mandou por companheiro de Duarte Galvaõ, de quem fizemos memoria em seu lugar, quando partio de Lisboa a 7. de Abril de 1515. com o caracter de Embaixador ao Emperador da Ethiopia em gratificaçao da Embaixada, que no anno de 1514. recebera da Emperatriz Helena em nome de seu filho o Emperador David por seu Embaixador Matheos, de naçao Armenio. Tanto que morreo Duarte Galvaõ a 9. de Julho de 1517. em a Ilha de Camoraõ foy substituido por ordem de Diogo Lopes de Siqueira, Governador do Estado da India em o lugar de Embaixador D. Rodrigo de Lima, a quem acompanhou Francisco Alvares, e chegando à Ilha de Maçua a 7. de Abril de 1520. entraraõ na Corte da Ethiopia, onde foraõ recebidos com particulares sig-

nificaçoens de jubilo, e affecto, e para evidente final da grande estimaçao, que fizera daquella Embaixada, expedio a El Rey D. Joaõ o III. por seu Embaixador a Zagazabo, veneravel Monge, com humma preciosa Coroa, ordenando-lhe que praticasse semelhante obsequio com o Summo Pontifice, a quem reconhecia por Cabeça vizivel da Igreja Catholica. Chegou Francisco Alvares com o Embaixador a Lisboa a 24. de Julho de 1527. a quem em remuneraçao do que tinha obrado na Etyopia lhe deu El Rey hum Beneficio na Diocese de Braga, em que foy collado pelo Arcebispo Primaz D. Diogo de Souza a 30. de Julho de 1529. Depois passou a Roma em companhia de Zagazabo para dar obediencia da parte do Emperador da Ethiopia à Santidade de Clemente VII. que os recebeu com paternal benevolencia a 29. de Janeiro de 1533. fazendo-se mais plausivel este acto por nelle assistir D. Martinho de Portugal, Embaixador d'El Rey D. Joaõ o III. na Curia, donde se restituhio a Lisboa. Escreveo com estilo sincero, e judicioso observaçao a historia de Ethiopia, em que relatou os ritos, e costumes de seus habitadores, e tudo quanto era digno de memoria, devendo se à sua indefesa applicaçao naõ sómente a noticia de taõ vasto Imperio, em que residio o largo espaço de seis annos, mas a perfeiçao, com que sahisse impressa esta obra, para cujo fim foy a Pariz como confessa na Dedicatoria a El Rey D. Joaõ o III. *buscar estampas caratules de letras, officiaes, e outras cousas convenientes à impressao has quaes nom sam de menos primor, e calidade, que has de Italia, França, e Alemanha, onde mais esta Arte florece,* a qual sahio com este titulo.

Verdadeira informaçao das terras do Preste Joaõ, segundo vio, e escreveo ho Padre Francisco Alvares, Capellaõ d'El Rey nosso Senhor. No fim estaõ as seguintes palavras. *A honra de Deos, e da Gloriosa Virgem N. Senhora se acabou ho livro do Preste Joaõ das Indias, em que se conta todos hos sitios das terras, e dos tractos, e cômercios dellas, e do que passara na viage de D. Rodrigo de Lima, que foy por mandado de Diogo Lopes de Sequeira,*

que

que entãõ era Governador na India: e assi das cartas, e presentes que ho Preste Joãõ mandou a ElRey nosso Senhor com outras cousas notaveis, que ha na terra. Ho qual vio, e escreveu ho Padre Francisco Alvares, Capellaõ d'ElRey nosso Senhor com muita diligencia, e verdade. Acabou-se no anno da Encarnaçãõ de N. Senhor JESU Christo a hos vinte dous dias de Outubro de mil e quinhentos e quarenta annos.

Sahio esta Historia traduzida em Castelhano por Fr. Thomãõ de Padilha com este titulo.

Historia de las cosas de Etyopia en la qual se cuenta muy copiosamente el estado, y potencia del Emperador della (que es el que muchos an pensado ser el Preste Juan) con otras infinitas particularidades assi de la religion de aquella gente, como de sus cerimonias, segun que de todo ello fue testigo de vista Francisco Alvares, Capellan d'ElRey D. Manoel. Anveres por Juan Steelfio. 1557. 8. e naõ em folha como escreve o moderno addicionador da Bib. Orient. de Ant. de Leaõ. Tom. 1. Tit. 12. col. 394. Foy segunda vez publicada na mesma lingua por Miguel de Suelves Infaçon, e dedicada a D. Artal de Alagon, Conde de Sastago. Çaragoça por Agostin Millan. 1561. fol. e Toledo por Pedro Rodrigues. 1588. 8. Tambem foy vertida na lingua Françeza, e sahio com este titulo.

Historiale description de l' Etiopie contenant uraye relation des terres, e pais du grand Roy, e Empereur Prete-Jan, &c. Anvers par Christoffe Plantin. 1558. 8. Na lingua Italiana sahio traduzida no 1. Tomo de Navigationsi, et viagi di Gio: Batista Ramusio. Venetia apresso Giuntti. 1563. fol. desde fol. 189. atè 260. Damiaõ de Goes no livro que intitlou Fides, religio, moresque Æthiopum pag. 50. diz Jovius volumen quod Franciscus Alvares de situ, moribus, cultuque Æthiopum composuit, in quo etiam totum suum iter explicat, pollicitus est Latinum facere, cujus voluminis unum exemplar penes me habeo: quod si Jovius avertendo super se deat, non abhorrerem ab ejus rei tractatione. Deste intento de Paulo Jovio, e Damiaõ de Goes de verter em latim a obra

de Francisco Alvares, faz mençaõ Ilhescas *Historia Pontif. Part. 2. liv. 6. cap. 22.* e assim della como do seu Author se lembraõ com varios elogios diversos Authores, como saõ o Padre Balthezar Telles *Hist. da Ethiop. Alt. liv. 2. cap. 5. homem de costumes antigos, de muita virtude, de grande capacidade, e prudencia; e cap. 6. compoz hum livro muito curioso com estilo chaõ, e sincero. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 305. col. 1. vir industrius, & inculpatis moribus. Bodin in Method. Hist. Franciscus Alvaresius multo maiore fide, ac deligentia res Æthiopum primus scripsit, que nunc à peregrinis, & optimis quibusque scriptoribus probantur, nec sine magna voluptate leguntur. Guerreiro Relaç. Annal. das cousas do Orient. do anno de 1607. e 1608. pag. 278. homem prudente, e bem entendido. Ilhescas *Hist. Pontif. Part. 2. liv. 6. cap. 22. fol. 129. vers. Persona de gran vida, y reputacion. Marian. de reb. Hisp. lib. 30. cap. 25. Franciscus Alvares præbiter de totar atione itineris, & regionis natura, gentisque institutis Comentaria patria lingua accurate descripta in lucem edidit. Barboza Mem. d' Rey D. Sebastiaõ Tom. 1. liv. 1. cap. 12. homem de summa sinceridade. Job. Ludolph. Hist. Ætyop. pag. 4. Barros Decad. 3. da Ind. liv. 4. cap. 3. Andrad. Chron. Del Rey D. Joãõ o 3. Part. 2. cap. 4. e Part. 4. cap. 72. Jarric. Thezaur. rer. Ind. Tom. 2. cap. 14. Castanhed. Hist. do Descub. da Ind. liv. 7. cap. 5. Bartoloc. Bib. Rabin. Tom. 1. pag. 43. Hisp. Illustrat. Tom. 2. pag. 1285. Godinho de Abyssin. reb. lib. 1. cap. 25. e 34..**

FRANCISCO ALVAVES MOREYRA natural de Coimbaa, filho de Antonio Alvares Moreira, e D. Jozefa de Vasconcellos descendentes de familias nobres. Depois de receber o grãõ de Bacharel em a Faculdade dos Sagrados Canones em a Universidade da sua patria, passou a Pernambuco com o lugar de Ouvidor, e Auditor Geral do nosso exercito, onde com igual zelo, que valor assistio a todos os successos militares, em que as armas Portuguezas triunfaraõ das Olandezas escrevendo

Gloriosa restaração da Praça do Arrecife, e das mais Capitánias, que os Olandezes occupavaõ naquelle Estado. M. S. Do Author, e da obra se lembra João Franco Barreto na Bib. Lusit.

P. FRANCISCO DO AMARAL.

Teve por patria a Cidade de Lisboa, e por Pays a Jorge do Amaral de Vasconcellos, e D. Brites de Medeiros ambos decendentes de familias nobres. Alistouse na Companhia de Jesus em o Collegio de Coimbra a 14. de Abril de 1608. quando contava 15. annos de idade. Teve igual talento para Mestre, que para Prelado ensinando Filosofia em o Collegio de Evora, e Theologia nove annos em Lisboa, e governando o Seminario dos Irlandezes, e os Collegios de Braga, e de Lisboa. Tudo quanto herdou de seus Pays, que eraõ muito opulentos, dispendeo em o culto de Deos, e beneficio da Religiaõ. Edificou a Capella de Santo Ignacio em o Collegio de Coimbra o qual ornou com preciosos ornamentos, e deixou vinte mil reis de Juro para a cera, que ardesse no Triduo das quarenta horas com huma excellente peanha de prata onde se colloca o Sacramento. Morreo com summa piedade em Lisboa ao tempo, que era Reytor do Collegio de Santo Antaõ em 4. de Dezembro, e naõ de Setembro como diz a *Bib. Societ.* pag. 210. col. 2. de 1647. Delle fazem memoria *Marrac. Bib. Marian.* Part. 1. pag. 397. *vir insigni litteraturá, ac probatis moribus conspicuus.* Joan. Soar. *Brit. Teat. Lusit. Litter.* lit. F. num. 28. Franco *Imag. da Virtud. do Colleg. de Coimb.* Tom. 2. pag. 616. e no *Ann. glorios. S. J. in Lusit.* pag. 725. *Magna Bib. Ecclesiast.* Tom. 1. pag. 370. col. 2. Nicol. *Ant. Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 307. col. 1. Cordeiro *Hist. Insul.* liv. 5. Tit. 4. pag. 169. *na Religiaõ morreo Sabio, Santo. Publicou.*

Sermoens Tom. 1. Braga por Gonçalo do Basto. 1641. fol. Tinha prompto o Tom. 2. para a impressaõ.

Fr. FRANCISCO DE SANTO AMBROSIO natural de Lisboa, filho de Francisco Dias, e Antonia de Barros, e

Religioso da Serafica Provincia dos Algarves, cujo sagrado Instituto professou no Convento de Santo Antonio do Varatojo a 21. de Março de 1656. onde exercitou cõ prudencia os lugares de Guardiaõ dos Conventos de Odemira, Evora, Faro, e Santa Maria de Enxobregas, Cabeça desta religiosa Provincia. Foy Qualificador do Santo Officio, Examinador Synodal em o Reyno do Algarve, e ultimamente Confessor das Religiosas Flamengas do Convento de N. Senhora da Quietação desta Corte. Alcançou fama pelo pulpito, sendo hum dos celebres Prégadores do seu tempo. Passou para a Provincia de Portugal no anno de 1692. donde se restituhio à sua Provincia dos Algarves. Morreo no Convento de Setubal em o anno de 1700. Compoz

Sermaõ do Principe da Igreja S. Pedro, e prégado na Sè de Faro. Lisboa por Antonio Craesbeeck de Mello. 1681. 4.

Sermaõ da gloriosa Madre Santa Clara, prégado no Convento das Religiosas da mesma Santa da Cidade de Faro. Lisboa pelo dito Impressor. 1681. 4.

Sermoens varios, primeira Parte. Lisboa por Bernardo da Costa. 1696. 4. No Prologo affirma ter corrente a segunda Parte.

Ultimo fim da vida em discursos predicaveis, prégados em o Convento do Serafico Patriarcha S. Francisco de Xabregas. Lisboa pelo dito Impressor. 1698. 4. Saõ Tardes de Quaresma.

FRANCISCO DE ANDRADE

Naceo em Lisboa, sendo filho de Fernando Alvares de Andrade Fidalgo da Caza de Del Rey D. Joaõ o III. Thezoureiro mór do Reyno, Cavaleiro da Ordem de Christo, Padroeiro do Padroado de Santa Maria de Aguiar, e da Capella mór do Convento da Annunciada de Religiosas Dominicãs desta Corte, e de Izabel de Payva filha de Nuno Fernandes Moreira Escrivaõ da Camera de Lisboa, e de Violante de Magalhaens; Irmaõ de Diogo de Payva de Andrade, e do Ven. Fr. Thomè de JESUS, ambos insignes, o primeiro na especulaçãõ das Sciencias, e o segundo na practica das virtu-

virtudes. Foy instruido em todas aquellas artes dignas do seu illustre nacimiento concorrendo para a brevidade com que as comprehendeo natural genio, juizo penetrante, e memoria feliz. Applicouse com particular disvelo à lição da Historia, principalmente desta Monarchia em que sahio taõ doutamente versado, que substituhio no lugar de Chronista mór do Reyno, e Guarda mór da Torre do Tombo a Antonio de Castilho. Nesta occupação dezempenhou as obrigaçoens de hum *excellente Historiador* como o intitula Antonio de Souza de Macedo *Flor. de Espan.* cap. 8. Excel. 9. escrevendo a *Chronica Del Rey D. Joaõ III.* na qual relatou com pena mais difusa as acçoens Militares, queas politicas deste Principe. Naõ foy menos perito na Poetica, que na Historia, sendo os muitos versos assim Lyricos como heroicos, que compoz claras testemunhas da facil veyta, e natural affluencia, que teve para taõ divina Arte. Foy Commendador de S. Payo de Fragoens da Ordem de Christo, e do Conselho del Rey. Cazou com D. Helena da Costa, filha de Salvador Correa de Menezes, e D. Violante da Costa, de quem teve Diogo de Payva de Andrade igualmente douto na lição da Historia, como nos preceitos da Poesia Latina. Falleceo em Lisboa no anno de 1614. Fazem delle memoria Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 307. col. 1. Joan. Soar. *Brit. Theat. Lusit. Litter.* lit. F. num. 29. Ant. de Leon. *Bib. Orient.* Tit. 3. Manoel Telles do Sylva Marquez de Alegrete no *Prolog. da Hist. da Acad. Real* Publicou sem o seu nome.

Filomena de S. Boa Ventura. Lisboa por Germaõ Galharde 1566. 12. Começa.

Filomena suave, que cantando

O fim do bravo inverno denuncia

E a vinda do V'raõ alegre, e brando

Chronica do valeroso Castrioto Scandeburgo. Lisboa por Marcos Borges 1567. folha. Traduzio esta obra da lingua Latina escrita por Martinho Barlesio, que depois foy vertida em Castelhana por Joaõ de Uchoa. Sahio com o seu nome.

O primeiro cerco, que os Turcos puzeraõ á Fortaleza de Dio, nas partes

da India defendida pelos Portuguezes. Coimbra 1589. 4. Naõ tem nome do Impresor. Consta este Poema de vinte Cantos do qual faz menção o moderno addicionador de Ant. de Leaõ *Bib. Orient.* Tom. 1. Tit. 3. col. 61. e o Padre Antonio dos Reys no *Enthus. Poetico* num. 44.

..... *Certamina celsum*
Quæ cecinit Lusos inter Turcasque furentes

Andradio meruere locum.

Chronica do muito alto, e muito poderoso Rey destes Reynos de Portugal D. Joaõ o III. deste nome Lisboa por Jorge Rodrigues 1613. folha. Foy dedicado pelo Author a Philippe II.

Instituição Del Rey Nosso Senhor. He tradução da Latina, que fez Diogo de Teyve, insigne Mestre de Humanidades quando El Rey D. Sebastião cumpria sete annos de idade. Sahio impressa no livro do mesmo Teyve intitulado *Eponon, sive Jambicorum Carmen libri tres.* Olyssipone apud Franciscum Correa 1565. 12. fol. 67. Começa.

Doutas habitadoras do Parnaso

Manifestay agora aos Poetas

O sagrado licor das vossas fontes

Com que os seus coraçoes, e engenhos banhem.

Vida, e feitos de D. Vasco da Gama, descobridor da India, e dos mais Fidalgos daquela Familia, que militarão na India. M. S. Esta obra que estava prompta para a impressão, compoz à instancia de D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira, extrahindo as noticias mais particulares da Historia da India, escrita por Gaspar Correa.

Dialogo entre o Anjo da Guarda, e o corpo humano. M. S. Estas duas obras se conservaõ na Bibliotheca do Excellentissimo Conde da Ericeira.

Historia de Felicio, e Delia. Obra pastoril. M. S.

Elegia á morte de D. Catherina de Ataide em que saõ Interlocutores Felicio, e Sylvano. M. S.

FRANCISCO DE ANDRADE LEYTAM natural. da Villa de Condeixa, duas legoas distante da Cidade de Coimbra, e na Provincia da Beyra, Foraõ seus Pays Manoel Fernandes de Almadada

da, e Antonia de Andrade filha de Belchior de Andrade, e Catherina Leytao, que o educaraõ com vigilancia como prevendo o grande credito que lhes havia de resultar de tal filho. Applicouse em a Universidade de Coimbra, ao estudo do Direito Cesareo, cujas dificuldades penetrou com tanta subtilidade que recebido o grão de Doutor nesta Faculdade naõ somente mereceo ser admitido por Collegial do Collegio de S. Pedro a 30. de Outubro de 1617. mas subir a Lente de Instituta de que tomou posse a 27. de Novembro do dito anno. Como era igualmente douto na sciencia Legal assim especulativa, como practica passou da Universidade para a Casa da Supplicação com o lugar de Dezembargador de que tomou posse a 14. de Setembro de 1626. e de Aggravos a 17. de Junho de 1628. Nas Cortes celebradas em Lisboa a 15. de Dezembro de 1640. em que foy aclamado, e jurado Soberano desta Coroa o Serenissimo D. Joao o IV. recitou a Oraçao em nome do Estado Secular com tanta elegancia, que lhe deraõ o epitecto de *muito eloquente* D. Luiz de Menezes *Portug. Rest. Tom. 1. liv. 3. pag. 113.* Souza de Macedo *Lusit. Liber. lib. 3. cap. 3. n. 35.* e Birago *Hist. de Portugal. lib. 2.* Por ser ornado de Juizo profundo, summa politica, e ardente zelo da Patria o nomeou em o anno de 1641. El Rey D. Joao o IV. seu Embaxador juntamente com D. Antao de Almada ao Reyno de Inglaterra donde passou no anno seguinte com o mesmo Character a Olanda, para representar aos Estados Geraes a injusta violencia com que dominavaõ Angola, Saõ Thomè, e Maranhao, e posto que naõ atenderaõ à eficacia das rezoens do Embaixador naõ passou muito tempo que anossa justica triumphasse da sua perfida cavilacao. Provada a sua grande capacidade, e fiel zelo em obsequio desta Coroa sendo eleito Dezembargador do Paço o mandou o mesmo Principe com o titulo de Plenipotenciario em companhia do Doutor Luiz Pereira de Castro ao Congresso da Paz que se celebrou em Munster, e Osnaburg Cidade da Vestfallia onde chegaraõ a 11. de Julho de

Tom. II.

1648. Restituido á Patria com grande aplauzo do seu nome sempre conservou igual rectidaõ como liberdade em tudo quanto era consultado, até que falleceo em Lisboa a 17. de Março de 1655. Jaz sepultado no Convento de Saõ Domingos. Foy cazado com D. Anna Leytoa Godinho de quem teve unicamente a Antonia de Andrade, que cazou com Francisco Machado de Brito Thezoureiro da Caza da India, dos quaes naceo Pedro Machado de Brito, Commendador de S. Verissimo de Lagares da Ordem de Christo Tenente General da Cavallaria, Brigadeiro, e General de Batalha. O insigne Fr. Francisco Macedo *in Propugn. Lusit. Gallic. pag. 216.* lhe faz o seguinte elogio *Franciscus Andradus Leytam stirpis nobilissimæ omnes virtutes quibus ad legationem obeundam opus est, complectitur. Acumen ad investigandum, judicium ad expendendum, prudentiam ad providendum, facilitatem in agendo, constantiam in urgendo, felicitatem in conficiendo. Qui ab asserto Regno strenuissimè tribus obitis legationibus pro Patria ac Rege laborat: quin nulli unquam labori, sumptui ve pepercit, et nostram ubique Rempubicam maxime promovit.* Delle fazem memoria Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. F. n. 31.* D. Nicol. de S. Maria *Cron. dos Coneg. Reg. liv. 10. cap. 19. n. 10.* Manoel Pereir. da Sylv. *Leal Cathalog. Chronol. dos Colleg. de S. Pedro. 2. 55.* Clede *Hist. de Portug. Tom. 2. p. mihi 519.* No livro intitulado *Pacificatores Orbis Christiani, sive Icones Principum, Ducum, et Legatorum qui Monasterij atque Osnabrugæ Pacem Europæ reconciliarunt* esta o seu Retrato aberto em huma grande Lamina, e no circuito dellem esta sentença *Melior est tuta pax, quam sperata victoria*, e na parte inferior. *Franciscus de Andrada Leytao Regis Portugallie sacri Consistorii Consiliarius, Senator Aulicus, Equestris Ordinis D.N. Jesu Christi Miles Cruciferus ad Regem Angliæ, nec non unitos federati Belgij Ordines Generales Legatus nuper Extraordinarius, nunc ad Generales Pacis Tractatus itidem Plenipotentarius Extraordinarius.* Compoz

Oração recitada a 15. de Dezembro de 1641. no Auto do Juramento Del Rey D. João o IV. Lisboa por Antonio Alvares. 1641 fol.

Discurso politico sobre o se aver de largar á Coroa de Portugal, Angola, S. Thomá, e Maranhão, exclamado aos Altos, e poderosos Estados de Olanda. Lisboa pelo dito Impressor 1642. 4.

Copia das proposições, e segunda Allegação aos Altos Senhores, Ordens Geraes, e Potentes Estados das Provincias unidas &c. acerca da restituição da Cidade de S. Paulo de Loanda em Angola. Lisboa por Lourenço de Anvers 1642. 4. Estas duas obras sahiraõ vertidas em Latim com o titulo seguinte.

Copia primæ allegationis pro restitutione Civitatis S. Pauli de Loanda in Angola, Insularumque Sancti Thomæ, nec non etiam do Maranhão. Hagæ Comitum 1642. 4.

Copia Propositionum et secundæ Allegationis pro restitutione S. Pauli de Loanda in Angola; pro Insula, & Civitate S. Thomæ; pro Insula, et districtu Maranhonij, et aliis locis, ac Civitatibus &c. captis post tractatum Pacis cum Ordinibus Fæderati Belgij renovatæ die 14. Junij 1642. Hagæ Comitum 1642. 4.

Pro Christi Resurgentis Solemnitate Oratio habita in suo humaniorum litterarum tyrocinio. Ulyssipone apud Antonium Alvares Typ. Reg. 1651. 4.

Fr. FRANCISCO DOS ANJOS alumno da Ordem dos Prégadores a quem Fr. Luiz de Souza *Hist. de S. Dom. do Reyno de Portug.* Tom. 1. liv. 5. cap. 42. chama *religioso exemplar, e letrado*; sendo Confessor de D. Jeronyma de Carvalho, que por morte de seu Esposo D. Francisco Coutinho herdeiro da Caza de Marialva, professou a Ordem Terceira de S. Domingos, escreveu com grande individuação.

Vida da Ven. Serva de Deos D. Jeronyma de Carvalho. Desta obra (de que fez memoria, e de seu Author Fr. Pedro Monteiro *Claust. Dom.* Tom. 3. pag. 209.) extrahio as noticias que escreveu Fr. Luiz de Sousa no lugar assima allegado.

P. FRANCISCO ANTONIO natural de Lisboa donde passando à Universidade de Coimbra estudou com tanta applicação Direito Civil, que o dictou dous annos em a Universidade com grande applauso do seu nome quando contava a florente idade de vinte e tres annos em a qual logrou a eslimação que lhe conciliavaõ as suas letras abraçando o sagrado instituto da Companhia de Jesus, no Collegio de Coimbra no anno de 1558. Por ser ornado de summa prudencia foy mandado pelos Superiores com o Padre Balthezar de Pina para a Fundação do Collegio de Fassaõ em o Reyno de Sardenha. Depois de ser Mestre dos Novicos em Roma, onde formou o seu espirito varoens, que dilatáraõ a gloria da Companhia, teve por confessados ao P. Edmundo Campiano, que com o sangue derramado pela heretica pravidade dos Ingleses rubricou as verdades da Religiaõ Catholica, e a Santo Estanislao Koscka, que pela eficacia dos seus conselhos se alistou na Companhia de Jesus. Foy Conselheiro, e Prégador pelo largo espaço de trinta e seis annos da Magestade Cezarea de D. Maria de Austria, a qual estimava tanto a sua grande capacidade, que o mandou tratar negocios de graves consequencias com seu Irmaõ Philippe Prudente, e vindo a mesma Princeza a Madrid se servio sempre dos seus conselhos até que piamente clauzulou o fim da sua vida em o Noviciado daquella Imperial Villa a 15. de Fevereiro de 1610. com 75. annos de idade, 53. de Religiaõ. Fazem delle memoria *Bib. Societ.* pag. 212. col. 2. Joan. Soar. de Brito *Theat. Lusit. Litter.* lit. F. num. 32. *Nadazi Ann. Dier.* S. J. pag. 91 col. 1. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 307. col. 2. Franco *Imag. do Nov. do Colleg. de Coimbra.* Tom. 2. pag. 616. et *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 88. Petr. de Alva y Astorg. *Milit. Immac. Concept. Magnæ Bib. Eccles.* Tom. 1. pag. 499. col. 2. Compoz

Avizos para los Soldados, y gente de guerra. Madrid. por Pedro Madrigal. 1590. 12. Bruxellas por Rogerio Velpio 1597. 12. e Antuerpia. 1605. 12.

Cathecismus, hoc est. Catholicæ juventutis

tutis institutio à M. Ed mundo de Augerio S. J. Theologo primum editus, nunc vero Sacrae Scripturae, Sacrorumque Conciliorum, ac SS. PP. auctoritatibus illustratus per P. Franciscum Antonium ejusdem Societatis Jesu Matrini apud Petrum Madrigal 1592. Foy dedicado ao Archiduque Alberto de Austria.

Consideraciones sobre el altissimo Sacrificio de la Miffa; del Santissimo Sacramento del agua bendita; de las Imágenes, y reliquias; de la señal de la Cruz; del Agnus Dei. Madrid. por Pedro de Madrigal. 1598. 4. Tinha sabido com o título de Myfterios de la Miffa. Madrid. 1596. 4.

Tratados espirituales de algunos Santos antiguos. Madrid. por Luiz Sanches. 1603. 8. He tradução das obras Latinas dos Santos Abbades, Dorotheo, Nilo, e Isaias, e das Sentenças do Papa Xisto.

Fr. FRANCISCO DE SANTO ANTONIO, Religioso da Ordem dos Menores da Provincia de S. Thomè da India Oriental, e hum dos zelosos operarios, e infatigaveis cultores da Vinha de Jafanapataõ aonde com a eficacia das suas vozes converteo muitos Gentios ao gremio da Igreja Catolica, deixando compostos, como escreveo Fr. Jacinto da Madre de Deos *Vergel de Plant. e Flor.* cap. 1. pag. 17. *muitos livros para confuzão dos erros da gentildade, doutrina dos misterios da Fè, e augmento da Christandade.*

P. FRANCISCO AYRES Naceo na Villa da Amieyra do Priorado do Crato em a Provincia Transtagana sendo filho de Manoel Martins, e Izabel Ayres. Ao tempo que na Universidade de Coimbra era Filosofo do quarto anno se resolveo abraçar o Instituto da Companhia de Jesus entrando em o Noviciado de Lisboa a 9. de Junho de 1621. quando contava vinte e quatro annos de idade. Depois de ser Reytor do Collegio de Faro assistio na Caza do Noviciado de Lisboa por todo o discurso da sua vida onde se constituhio hum perfeito exemplar do Tom. II.

estado religioso. Orava cada dia muitas horas a que precedia a rigorosa disciplina de duzentos golpes. Como cegasse cuja molestia qual outro Tobias tolerava com inalteravel constancia, e não pudesse offerecer no Altar o Divino Cordeiro, o recebia todos os dias com summa ternura recitando a este tempo *panem nostrum quotidianum da nobis hodie.* Foy excessivamente mortificado servindo-lhe de cama o pavimento do cubiculo, e abstendose de vinho, e de todo o genero de fruta. No mez que se recolhia a tomar os exercicios de seu Patriarcha Santo Ignacio, se sustentava cada dia hum só vez da pequena porção de biscouto, que lhe trazia hum seu filho espiritual. No Confessionario dirigia as almas ao caminho da perfeição com termos tão suaves, que eraõ innumeraveis os penitentes que concorriaõ a ouvir os seus documentos. Na Theologia Mystica era muito versado, de tal sorte, que o consultava o Ven. Padre Bartholomeu do Quental Fundador da Congregação do Oratorio neste Reyno. Ainda que estava privado do mais nobre sentido rezava todos os dias o Officio Divino, cuja mayor parte sabia de memoria, e dictava a hum Noviço, que lhe assistia, as obras que publicou para beneficio das almas Catholicas. Nellas se descobre o cordial affecto com que sempre venerou a Maria Santissima, cujas Vigalias jejuava a pão, e agua. Chegado o termo da sua vida recebeo com fervorosa piedade todos os Sacramentos, e entre suaves colloquios a Christo Crucificado, espirou placidamente em o Noviciado de Lisboa a 11. de Novembro de 1664. com 67. annos de idade, e 43. de Religião. Divulgada a sua morte, muitas pessoas concorreraõ a venerar o seu cadaver, que cobriraõ de flores em memoria das suas virtudes que celebraraõ a *Bib. Societ.* pag. 214. col. 1. *Erat virtutum omnium speculum.* Franco *Annal: S. J. in Lusit.* pag. 336. num. 2. *vir exquisitæ virtutis,* e na *Imag. da Virt. do Nov. de Lisboa* liv. 4. cap. 7. *religioso de grande perfeição.* P. Francisco de Francisc. *Philolog. Dissert. de Francisc. Litter. deficiente visu, ut vix lucem à tenebris discerneret . . . transi-*
O ii vit

vit ad videnda bona Domini in terra viventium. Compoz

Regimento espiritual para o caminho do Ceo. Lisboa na Officina Craesbeeckiana. 1654. 8.

Retrato dos triunfos divinos contra os disprimores humanos. Lisboa por Paulo Craesbeeck. 1658. 4.

Methasoricos exemplares da esclarecida origem, e illustre descendencia das virtudes por Evangelicas parabolias, e allegorias figuradas com hum tratado elogiaco sobre as excellencias, e grandezas da Virgem Mãe de Deos. Lisboa por Antonio Craesbeeck. 1661. 4.

Parallos Academicos entre duas universidades divina, e profana, deduzidos á reformação dos costumes, e melhoramento de vidas. Lisboa por Ant. Craesbeeck de Mello. 1662. 8.

Retrato de prudentes, e espelho de ignorantes; aos primeiros alimento espiritual de bons acertos; aos segundos avizo de seus enganos. Lisboa pelo dito Impressor. 1664. 8.

Epitome espiritual sobre o que deve saber, crer, guardar, e obrar todo o Christão. Ibi pelo dito Impressor. 1664. 8.

Instrução breve, do que deve saber, e confessar o Christão. M. S.

Regra de bem viver conforme a Ley Evangelica, e dictames da prudencia. M. S. Destas duas obras faz menção o P. Ant. Franco na *Imag. da virt. do Nov. de Lisboa* liv. 4. cap. 7. pag. 711.

Fr. FRANCISCO DA ANNUNCIACAM filho de Simão Pinto, e Agueda Rodrigues naceo em a Villa de Portel da Provincia do Alentejo, onde instruido com as primeiras letras passou a Lisboa, e no Convento de N. Senhora da Graça, quando tinha 16. annos de idade recebeu o habito de Santo Agostinho professando a 16. de Outubro de 1685. Com summa brevidade, e não menor subtilidade penetrou os segredos da Filosofia, e os mysterios da Theologia, que pelo espaço de nove annos dictou aos seus domesticos em o Collegio de Coimbra, em cuja Universidade foy admittido ao numero dos Doutores Theologos, recebendo tão honorifico grão em 8. de Junho de 1698.

Todo o seu disvelo era a reforma das vidas, e conversão das almas, entre as quaes foraõ muitas da primeira nobreza, e sublimes dignidades, que movidas da efficacia dos seus documentos preferiraõ o silencio do Claustro ao tumulto do seculo. Ainda que era Mestre consumado na Theologia Mystica, sempre foygeitou o seu entendimento ao dictame alheo, receando prudentemente de não cahir em algum erro patrocinado pelo amor proprio. Foy insigne Orador Academico, concorrendo para este fim a elegancia da lingua Latina, em que era muito perito, e a valentia das acçoens que animava, quanto dizia. A sua especulaçãõ deve a doutrina do B. Egidio Columna ser explicada em o Collegio de Coimbra, sendo elle o primeiro que abriu o caminho para ser seguida pelos Mestres, que lhe succederaõ. Tendo chegado a Lisboa com a incumbencia de expedir huma Missãõ para a Congregaçãõ da India, que ordenava o Geral da Ordem Fr. Francisco Maria Querni, na qual queria ser hum destes Missionarios se não fosse impedido por ordem dos seus Superiores, revelou a hum discipulo do seu espirito, q̄ estava proxima a sua morte, que succedeo no Convento da Graça a 13. de Agosto de 1720. quando contava 52. annos de idade, e 35. de Religiaõ. Foy *Varão verdadeiramente Apostolico* (como escreve Fr. Manoel de Figueiredo *Flos Sanct. August.* Tom. 4. pag. 143.) *de oração fervorosa, e extensa; de zelo ardentissimo na reforma dos Religiosos, que procurava, criando-os no santo temor de Deos, e exercicio da Oração.* Era consultado de tantas pessoas deste Reyno, que só sendo a sua penna movida por superior impulso poderia dar repostas como dava a tão frequentes consultas com tanta luz, e com tanto acerto. Compoz

Consulta Mystico-Moral sobre o habito de certas Religiosas da Ordem de Santa Clara Urbanas. Coimbra no Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS. 1717. 4.

Vindicias da virtude, e escarmento de viciosos nos publicos castigos de Hypocritas dados pelo Tribunal do Santo Officio. Primeira Parte. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1725. 8.

Parte 2. Lisboa na mesma Officina. 1726. 8.

Part. 3. Lisboa na mesma Officina. 1727. 8.

Disputationes Theologicae de statu religioso, obligationibusque eidem annexis atento peculiari jure nostrae Sacrae Religionis. 4. M. S.

Philosophia ad mentem Doctoris Fundatissimi B. Aegidii Columnae. 4. 3. Tom. M. S.

Aproveitamento espiritual dirigido às Religiosas do Convento de Santa Monica de Lisboa. fol. M. S.

Cartas espirituas. fol. M. S.

Questão curiosa. Que tempo deva, e possa gastar hum Sacerdote em dizer Missa para a dizer sem peccado, e com decencia? 4. M. S.

Todas estas obras M. S. se conservaõ na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça desta Corte, como nella as vimos.

Fr. FRANCISCO DA ANNUNCIACAM natural da Villa de Setuval, filho de Antonio Barbosa Lobo, e Brites da Costa, professou o Instituto do Doutor Maximo no Real Convento de Belem a 5. de Dezembro de 1706. Completos os estudos escolasticos se dedicou ao ministerio do pulpito, em que tem conseguido applauso. Foy Prior do Convento do Espinheiro, e Vizitador Geral da Religiaõ. Publicou

Sermaõ de S. Luiz Gonzaga prégado no setimo dia do outavario, que a sua Canonizaçaõ, e à de Santo Estanslao Koska consagravaõ os Religiosos da Companhia de JESUS no Collegio, e Universidade de Evora. Evora na Officina da Universidade. 1730. 4.

Fr. FRANCISCO DE ARA CÆLI naceo em a Cidade do Porto no anno de 1651. sendo filho de Antonio Pereira Roriz, e Clara da Costa Pereira. Recebeo o habito Serafico da Provincia de Portugal em o Convento de S. Francisco desta Corte a 22. de Outubro de 1670. e professou a 24. do dito mez do anno seguinte. Applicou-se ao estudo da Theologia Positiva, Moral, e Mystica, e à li-

çaõ da Historia Sagrada, e profana, de que colheo vastissimas noticias, adquirindo grande credito o seu nome, assim pelas suas Oraçoens Evangelicas, como pelos seus doutos escritos, de que a mayor parte lhe impedio a morte, se fizessem publicos. Falleceo no Convento da sua patria em o anno de 1720. com 69. annos de idade, e 50. de Religiaõ. Delle fazem memoria Fr. Fernando da Soled. *Histor. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 21. e Fr. Joan. à D. Ant. *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 361. col. 1. Compoz

Sermaõ de S. Jozè no Mosteiro da Madre de Deos de Monchique na profissaõ de sua Irmãa a Madre Soror Maria Clara de Ara Cæli. Coimbra por Antonio Dias da Costa. 1692. 4.

Sermaõ no Triduo da Canonizaçaõ de S. Paschoal Baylon. Ibi pelo dito Impressor. 1692. 4.

Luzes do Ceo descubertas nas sombras da Paixaõ do Redemptor do mundo, para os que dezejaõ acertar o caminho da perfeiçaõ. Coimbra por Jozè Ferreira Impressor da Universidade. 1697. 8.

Norma viva de Religiosas. Tratado Historico, e Panegyrico, em que se descreve a vida, e acçoens da serva de Deos Leocadia da Conceiçaõ, Religiosa no Recoletto Mosteiro da Madre de Deos de Mõchique. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio. 1708. 4.

Orador Evangelico. Consta de Sermoens de diversos assumptos. Tom. 1. Coimbra na Officina do reel Collegio das Artes. 1730. 4.

P. FRANCISCO ARANHA filho de Rodrigo Aranha, e Catherina Lourenço, natural da Villa de Arronches, titulo de Marquezado neste Reyno, situada em a Provincia Translagana. Sendo de quinze annos recebeu a Roupeta da Companhia de JESUS em o Collegio de Evora a 24. de Dezembro de 1618. onde depois de aprender com summa habilidade as Sciencias amenas, e severas, ensinou seis annos Humanidades, e Rhetorica; nove Filosofia, e Theologia Moral. Foy Perfeito dos Estudos do Collegio de Coimbra, e Reitor de Elvas, em o qual por sua industria se introduzio a agua, que lhe con-

concedeo o Senado daquella Cidade. Era naturalmente jocosó, porèm com tal moderação, que nunca pode ser arguido de pueril. Padeceo varios insultos de asma até que por hum foy privado da vida em o Collegio de Evora a 16. de Mayo de 1677. com 74. annos de idade, e 59. de Religião. Compoz.

Commentario a Virgilio no qual se explicaõ os lugares mais difficultosos do Poeta. Evora na Officina da Universidade. 1657. 8. e Lisboa. 1668. 8.

Sermaõ prégado em S. Giaõ de Lisboa estando o Santissimo exposto pelo feliz successo do exercito, que tinha sahido à campanha em 20. de Outubro de 1657. Lisboa por Antonio Craesbeeck. 1658. 4.

Serie dos Reys de Portugal com suas patrias, idades, e mortes. He huma folha ao largo. Sem lugar, nem anno da Impressão.

Sitio, e restauração da Cidade de Evora. M. S.

Conserua-se no cubiculo do P. Ministro do Collegio de Evora, como escreve Franco *Imag. da virt. do Nov. de Evor.* pag. 862. Do Author, e suas obras se lembraõ *Bib. Societ.* pag. 213. col. 1. e o P. Franc. da Fonsec. *Evora Glorios.* pag. 429.

P. FRANCISCO DE ARAUJO natural de Lisboa, filho de Sebastião Fernandes, e Beatriz Domingues, foy admittido à Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 6. de Setembro de 1555. Pela muita prudencia, de que era ornado foy Mestre de Noviços em o Collegio de Evora, e Lisboa, Reytor de Santo Antaõ, Bragança, e Ilha Terceira. Teve animo sincero, genio humilde, e cordial affecto ao Patriarcha S. Jozè, não consentindo ouvir que no Ceo estivesse outro Santo mayor que elle. No mesmo dia, que tinha celebrado Missa, conhecendo ser chegada a ultima hora da sua vida pedio a Extrema-Unção, e tanto que lhe foy conferida, espirou piamente na Caza Professa de S. Roque a 18. de Dezembro de 1623. com mais de 83. annos de idade, e 66. de Companhia. Escreveo.

Fundação do Collegio de Santo Antaõ

de Lisboa, onde relata a entrada, e principios da Companhia em Portugal, e dos primeiros Padres, que habitaraõ o dito Collegio. Dividido em dous livros, dos quaes o primeiro ficou acabado; e do segundo sómente seis capitulos. Desta obra faz menção o P. Telles *Hist. de Etiopia Alt.* liv. 2. cap. 3. onde intitula a seu Author *Pessoa de muita verdade*, e a quem faz hum elogio o P. Franco *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 742. e *in Annalib. S. J. in Lusit.* pag. 237. n. 15.

FRANCISCO DE ARAUJO Capellaõ do Illustrissimo Bispo de Otranto D. Fr. Diogo Lopes de Andrade, de quem fizemos memoria em seu lugar. Foy Prothonotario Apostolico, e Capellaõ mór do Terço de D. Vespasiano Suardo no Reyno de Napoles. Escreveo

Historia de los Martyres de la Ciudad de Otranto Reyno de Napoles por la preza, que della hizo el Baxá Acomat en nombre de Mahamet Ottomano Emperador de Constantinopla el año 1480. y su recuperacion Ferdinando I. Rey del dicho Reyno. Napoles por Egidio Longo. 1631. 4.

Vaso de tribulacion, e testamento del alma. Ibi pelo dito Impressor. 1646. 4.

D. Fr. FRANCISCO DE ARAUJO teve por Pays a D. Joaõ Hidalgo Castelhano, e a Francisca de Araujo Portugueza, natural da Villa de Chaves, Praça de Armas na Provincia Transmontana, de quem tomou o apellido, e por patria ao lugar de Verim, junto a Monte Rey em o Reyno de Galiza, posto que Joaõ Soares de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* escreva que tivera o seu berço na Villa de Chaves. Na idade de vinte e hum annos, em que o mundo o lizongeava com as suas enganosas delicias o deixou heroicamente professando o sagrado Instituto da Ordem dos Prégadores no Convento de Santo Estevaõ de Salamanca a 5. de Março de 1601. onde depois de se instruir nas Sciencias Escolasticas com geral admiração dos seus Mestres, as dictou em varios Conventos, principalmente em o de S. Paulo de Burgos, donde partindo para exercitar o mesmo ministerio em o de Alcalá, sendo já Doutor na Faculda-

de da Theologia, foy chamado no anno de 1617. por Fr. Pedro de Herrera, Lente de Prima na Universidade de Salamanca para ser seu substituto, cujo lugar depois de exercitar por seis annos o regentou de propriedade pelo largo espaço de vinte com immortal fama da sua litteratura, e não menor credito da Religião Dominicana. Igual à profundidade das suas letras era a innocencia dos seus costumes, merecendo distintas estimaçoens das pessoas da primeira Jerarchia, assim Ecclesiastica, como Secular, principalmente da Magestade de Filipe IV. conformando-se sempre no voto, que lhe dava nas materias mais graves, em que era consultado, ainda que contra elle estivessem unanimes todos os Theologos de Hespanha. Como era tão amante da verdade, como inimigo da adulação reprehendia intrepidamente os vicios, de que eraõ reos os Palacianos, e posto que conciliaffe o odio de muitos, não foy bastante, para que cedesse do seu zelo Apostolico. Em premio das suas letras illustradas com tantas virtudes foy promovido à Cadeira Episcopal de Segovia a 3. de Janeiro de 1648. em cuja dignidade deixou para os seus successores hum perfeito modello da obrigação pastoral, assim na vigilancia das ovelhas, como no soccorro dos pobres, e ornato dos Altares. Constrangido da idade provecta, em que se achava, não sómente regeitou a Mitra de Cartagena, a que estava destinado, mas renunciou a de Segovia no anno de 1658. com universal sentimento do seu rebanho, donde se retirou para o Convento de Madrid com huma moderada congrua concedida por Innocencio X. Neste domicilio viveo seis annos, preparando-se com actos religiosos para a eternidade, até que chegada a hora de serem premiados os seus merecimentos, recebidos todos os Sacramentos entregou o espirito ao seu Creador a 19. de Março de 1664. e não de 1663. como escreve D. Nicolao Antonio *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 308. col. 2. quando contava 84. annos de idade. Celebráraõ-se sumptuosas exequias à sua memoria, a que assistiraõ as principaes pessoas da Corte de Madrid. Passados cinco annos determinou Fr. Manoel de Ibar-

ça, y Roxas irmaõ do Conde de Moras tresladar para o Convento de Salamanca, do qual era Prior, o cadaver deste illustre Prelado, e não tendo sido embalsamado se achou com admiração dos circunstantes, não sómente incorrupto, mas flexivel, e exhalando suave cheiro, sendo estes sinaes evidentes provas da gloria Celestial, que lograva o seu espirito. O seu nome he celebrado pelas vozes de grandes Escritores, como saõ Nicol. Anton. *Bib. Hisp.* Tom. 1. p. 308. col. 2. *Theologiam omnem doctissimis commentariis perlustravit, & illustravit maxime quibus famam suam haud obscuram pervenire ad posteros fecit.* Gravesson *Hist. Ecclesiast.* Tom. 8. pag. mihi 129. col. 2. *eximius Theologus.* Echard. *Script. Ord. Præ.* Tom. 2. pag. 609. col. 2. *Ut eruditio apud omnes, sic & morum innocentia, & facilitate claruit... in adversis patientissimus, in prosperis modestissimus, & humilis, in disciplina regulari constantissimus.* Henaõ *Scient. Med. histor. propugn.* E-ventil. 6. n. 162. *Quem nobiliorem Thomistam, nec ante nostrum sæculum, nec retroacta viderunt, & ibi n. 163. Oh celeberrimæ familiæ Dominicanæ magister & princeps Salmaticensis.* Fr. Joan à Cruc. *Præfat. Direct. Concient.* 2. 4. n. 8. *Sapientissimus, & 2. 12. n. 36. in quibus (falla das suas obras) miscellaneas quæstiones summa claritate & profunditate, quæ huic auctori similiter fuerunt innatæ, resolvit.* Torrecilla *Cens. Moral. Trat. 2. de Penit.* Consult. 5. n. 8. *doctissimo.* Dian. Tom. 11. Part. 7. Resol. 28. *Sapientissimus Magister.* Vincent. Baron. *Disput. 1. Sect. 1. fol. 27. assertorem D. Thomæ, & fidelissimum discipulum.* Hozes *Zelo Pastoral Explic. de la prop. 1. apend. 15. Doctissimo.* Jacob. Hyacinth. Serry *Histor. Congreg. de Auxil. lib. 4. cap. 27. Erat enim Theologi nomine vere dignus.* Fr. Pedro Mont. *Claustr. Domin.* Tom. 3. pag. 48. e 210. *Foy não só na Universidade de Salamanca, mas em todo o Reyno havido por Oraculo.* Lorea *Vid. de D. Fr. Ped. de Tap. Arceb. de Sevilha cap. 11. 2. 3. pag. 79. Magna Bib. Ecclesiast. Tom. 1. pag. 531. col. 2. Compoz*

Commentariorum in universam Aristotelis Methaphysicam Tomus primus quinque

que libros complectens. Burgis apud Joan. Baptistam Varesium. 1617. fol. & Salmanticae apud Antoniam Ramires Viduam 1617. fol. Nesta obra se intitula já Lente de Prima em a Universidade de Salamanca, e que a acabara a 24. de Junho de 1615. quando contava 35. annos de idade.

Tomus secundus. Salmanticae. 1631. fol.

Opuscula tripartita, hoc est in tres controversias triplicis Theologiae divisa. In quarum prima variae disputationes de puro scholastica, in secunda de morali, et in tertia de expositiva Theologia utiliter expenduntur. Duaci apud Bartholomæum Bardoni. 1633. 8. Esta obra não chegou à noticia de Nicolao Antonio.

Tomus primus super primam partem Angelici Doctoris. Matrithi apud Melchiorum Sanches 1647. fol.

Tomus secundus in primam Partem D. Thomæ à quæst. 27. ad 64. ibi per eundem Typog. 1647. fol.

Tomus primus in primam secundæ D. Thomæ à quæst. 1. ad 99. Salmanticae ex Conventu Dominicanorum Sancti Stephani 1638. fol.

Tomus secundus in primam secundæ ad Tractatum de Divinae Gratiae supernaturalibus donis super quæstiones ultimas. Matrithi apud Melchiorum Sanches 1646. fol.

In secundam secundæ D. Thomæ Commentarius à quæst. 1. ad 46. Salmanticae Typis Conventus S. Stephani. 1635. fol.

Tomus primus in Tertiam partem D. Thomæ à quæst. 1. ad 27. Salmanticae Typis Convent. S. Stephani. 1636. fol.

Tomus secundus in eandem Tertiam partem à quæst. 60. ad 90. cum Tractatu de Indulgentijs Ibidem. 1636. fol.

Variae, & selectæ decisiones morales ad statum Ecclesiasticum, & Civilem pertinentes. Lugduni apud Philippum Borde, Laurent. Arnaud. Petr. Borde, & Guilielm. Barbier. 1664. fol.

FRANCISCO AREZ LOBO DE LACERDA Moço da Camara d'El Rey, e muito perito em todo o genero de erudição principalmente em a Poesia a que naturalmente o inclinava o genio. Querendo aliviar o animo atribulado com o ca-

tiveiro, que havia doze annos tolerava em Tetuaõ, compoz em Outava Rima, e dedicou ao Serenissimo Principe D. Theodosio a 20. de Junho de 1649. o seguinte Poema, que intitoulou

Justicia sin Passion

Nelle prova evidentemente o direito, que assistia á Magestade de El Rey D. Joaõ IV. para se coroar Rey desta Monarchia, e responde aos Manifestos, que contra esta famosa acção se publicaraõ por parte de Castella. Consta de quatro Cantos, e começa o primeiro.

Plectro sonoro, que con dulce canto
Acaba.

Que pues con bien le gozas nõ fué tarde
Conservase M. S. em 4. na Bibliotheca Real.

Fr. FRANCISCO DE ASSIZ Naceo na Cidade do Porto, e na Cathedral foy bautizado em o anno de 1674. Educado por seus Pays Manoel Alvares, e Luiza Pereira, com virtuosos documentos foy admitido à Religiaõ do Carmo, cujo habito recebeo em o Convento de Santa Anna da Villa de Collares a 4. de Setembro de 1690. Feita a profissãõ Solemne no anno seguinte estudou as Sciencias Escolasticas em o Collegio de Coimbra, com grande aplauso da sua capacidade, e concluida a carreira dos estudos se embarcou para a Bahia, e no Convento, que a sua Ordem tem nesta grande Cidade, instruiu aos seus domesticos assim nas difficuldades da Filosofia, como mysterios da Theologia até jubilar. Restituido ao Reyno foy eleyto segundo Definidor, e depois Confessor das Religiosas do Convento de Guimaraens. Prégava com grande aceitaçaõ dos ouvintes, e era geralmente estimado pela sua litteratura. Falleceo no Convento de Lisboa a 29. de Janeiro de 1733. Compoz

Opusculo da Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo, em que se mostra ser a Primaz de todas as Ordens Terceiras, em quanto à origem, e instituiçaõ. M. S. 4. Conserva-se em poder do Dezembargador Amador Antonio de Sousa, e de Torres, Auditor Geral do Exercito da Provincia do Alentejo, cuja noticia benevolamente me cõmunicou, e outras mui-

tas,

tas, com que se tem augmentado a Bibliotheca Lusitana, devidas á sua infatigavel investigaçã, e generosa liberalidade. Da tal obra faz elle mençã no *Tract. de Tertiarijs* Resol. 1. post. n. 18. que já se está imprimindo na 1. *Part. Rationallium Resolut. Practicab.*

FRANCISCO DE ATAYDE SOTOMAYOR natural da Cidade de Faro, no Reyno do Algarve, Cavalleiro professo da Ordem Militar de São Tiago, e tão illustre por nascimento, como plausivel pela Poesia Comica compondo diversas Comedias, que merecerã geral estimaçã de todos os expectadores, sendo a mais discreta

Desvios nõ son desprecios.

D. FRANCISCO DO AVELLAR natural da Villa da Torraõ, em a Provincia do Alentejo, tão douto na Sagrada Theologia como em Direito Canonico, merecendo a veneraçã das maiores pessoas pelo seu grande talento, summa gravidade, e insigne Literatura. Sendo Deaõ da Cathedral de Portalegre, foy creado pelo Cardial Rey D. Henrique, Prior mór da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, cuja Prelazia administrou com zelo pelo largo espaço de vinte annos. Vindo a Portalegre adoeceo tão gravemente, que logo dispoz o seu testamento, em que ordenou fosse depositado o seu corpo no Convento das Religiosas Bernardas daquella Cidade, donde seria tresladado para o Convento de Aviz. Morreo junto do anno de 1599. Compoz.

Tractatus de antiquitate, et primordiis Ordinis Militaris Avisiensis. Esta obra remeteo com huma carta escrita no anno de 1595. ao insigne Theologo Fr. Manoel Rodrigues o qual a imprimio em o fim do *Tom. 1. Quest. Regular* impreso Salmanticae. 1600. intitulado a seu Author *Reverendissimum, & de litteris maxime meritum.* O Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha cita a este Tratado in *Comment. ad Decret. C. general. dist. 54. n. 90. e a Magn. Bib. Ecclesiast. Tom. 1. pag. 217.*

Tom. II.

Fr. FRANCISCO DO AVELLAR Religioso, professo da Ordem de S. Domingos onde depois de ser Prégador passou á India por Missionario, assistindo alguns annos no Convento de Goa, foy mandado por Parocho de huma Igreja em os Rios de Sena em Moçambique, cujo lugar administrou com ardente zelo sendo Visitador, e Comissario Geral daquellas terras por nomeaçã do Tribunal do Santo Officio. Entre as muitas conversoens que fez naquella gentildade foy a mayor a do Principe D. Diogo filho do Emperador de Monomotapa, o qual querendo conduzillo a Portugal em sua companhia se não efeituou esta jornada Compoz.

Relaçã das Minas de prata da Ethiopia Oriental do Imperio de Monomotapa, e das cousas necessarias pertencentes para sustentaçã, e conservaçã dellas, e dos Rios de Cuama. M. S.

O original se conserva na Livraria do Convento dos Dominicanos desta Corte, firmado com o final do Author. Nelle refere o grande fruto espiritual, que se póde colher daquellas terras, principal intento dos Reys de Portugal, em a conquista do Oriente, e a necessidade que há nellas de Bispo por estarem muito remotas do Arcebispado de Goa. Ultimamente conclue com a grande conveniencia que este Reyno podia tirar das preciosas minas, que tem aquelle Imperio. Da obra, e do Author faz larga mençã Fr. Pedro Monteiro *Claustr. Dom. Tom. 3. pag. 214. e 215.*

Fr. FRANCISCO AUGUSTO natural de Lisboa, e filho de Manoel Rodrigues Esteves, e Francisca Maria Sanches, professou o Instituto Carmelitano em o Convento de Lisboa a 19. de Setembro de 1728. Estudou Artes, e Theologia em o Collegio de Coimbra, onde as dictou aos seus domesticos, como aos Congregados da Tomina em o seu Collegio de Nossa Senhora do Alcance, fóra dos muros da Villa de Mouraõ, e depois Filosofia em o Convento de Lisboa. He Examinador das Tres Ordens Militares, e Consultor da Bulla da Cruzada. Do talento que tem para o Pulpito deo

P

por

por primicias a obra seguinte.

Oração exhortatoria aos Irmãos Congregados do Senhor Jesus chamado dos Agonizados, recitada na Capella dedicada ao mesmo Senhor sita no Claustro do Real Convento do Carmo de Lisboa em 14. de Setembro de 1736. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha. 1737. 4.

Fr. FRANCISCO DE AZEVEDO nasceu em Lisboa, e teve por Pais a Diogo Fernandes, e Izabel Alvares. Na idade juvenil se deliberou com judicioza madureza abraçar o Instituto dos Eremitas de Santo Agostinho, professando solemnemente em o Convento da Graça desta Corte a 25. de Julho de 1649. Aprendeo as Sciencias escolasticas com tal applicação, que não somente mereceo por ellas receber as insignias Doutoraes na Faculdade da Theologia a 19. de Julho de 1664. em a Universidade de Coimbra, mas nella ser Lente de huma Cadeira de Escritura de que tomou posse a 27. de Julho de 1677. Foy bom Poeta Latino deixando composto

Epigrammatum liber unus

O qual escrito da propria mão se conserva na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça donde passou á eternidade a 4. de Abril de 1680. Da obra, e do Author se lembra Fr. Manoel de Figueiredo *Flos SS. August.* Tom. 4. pag. 140.

Fr. FRANCISCO DE AZEVEDO Sahio á luz do mundo em Lisboa, e logo que conheceo a vaidade do seculo deixando a companhia de seus Pais Antonio de Azevedo, e Maria da Cruz se retirou para o Convento de Collares da Ordem do Carmo, onde fez a profissão solemne a 9. de Julho de 1651. Tendo sido Prior do Convento do lugar da Lagoa, Definidor da Provincia, e Comissario dos Terceiros em a Villa de Setuval, passou a exercitar este ministerio nesta Corte onde com a eficacia das suas vozes despertou em multiplicados Sermoes a muitos peccadores do lethargo da culpa, e derigio a muitos espiritos ao caminho da perfeição. Cheyo mais de

merecimentos de que annos falleceo no Convento patrio a 15. de Outubro de 1696. dedicado á memoria da insigne Patriarcha S. Thereza da qual foy tão cordial devoto que por sua industria lhe ornou o seu Altar com hum copioso numero de peças de prata. Compoz para quando prégava

Acto de Contrição. He muito extenso. Sahio varias vezes impresso, e ultimamente junto com o *Baculo Pastoral*, como escreve Fr. Manoel de Sà *Mem. Hist. dos Escri. do Carm. da Prov. de Portug.* cap. 28. pag. 148.

Fr. FRANCISCO BAPTISTA natural de Coimbra, e hú dos mais austeros penitentes, que admiraraõ tres Provincias Seraficas, recebendo o habito em a da Observancia, donde passou para a Custodia de Santo Antonio, que depois foy erecta em Provincia, e ultimamente para a da Arrabida, procurando com ancioso disvelo o seu espirito onde se exercitasse em mayores penitencias. Na abstinencia foy inimitavel jejuando quasi todo o anno a pão, e agoa, e comendo em muitas semanas de dous a dous dias, e em outras de tres a tres, sem que a idade decrepita o privilegiaffe de tão rigida aspereza. Castigava o corpo como se fora insensivel com huma continuada tempestade de golpes para que os sentidos triumphassem dos appetites. Nunca aceitou governo na Religião ainda sendo obrigado pelos Prelados, querendo com judicioza eleição antes obedecer, do que mandar. Foy summamente observante da pobreza de tal sorte, que conservou o manto que lhe deraõ quando entrou Religioso pelo espaço de quarenta e nove annos, que assistio nesta Provincia. Atenuado com a debilidade da velhice, e muito mais com os achaques, e penitencias chegou ao termo da vida, e quando estava agonizando disse que morria consolado por lhe parecer observara inviolavel Fè à Santa pobreza. Falleceo com evidentes sinaes de Predestinado em o Convento de Santarem a 8. de Setembro de 1609. quando tinha 90. annos de idade. Escreveo

Documentos para os homens ordenarem

as vidas em serviço de Deos authorizados com exemplos, e doutrinas de varios Santos. M. S.

Documentos para os Sacerdotes, em que lhes mostrava a obrigação do seu Estado. M. S.

Estas obras communicava a diversas pessoas com faculdade do Tribunal do Santo Officico, das quaes como do Author faz mais larga memoria Fr. Antonio da Piedade *Chron. da Prov. da Arrabid.* Tom. 1. liv. 5. cap. 10. §. 1108. e seguintes.

Fr. FRANCISCO BAPTISTA natural da Villa de Campomayor na Provincia do Alentejo Religioso professado Eremitas de Santo Agostinho, e discipulo na Faculdade da Musica do grande Mestre Antonio Pinheiro de cuja escola sahio taõ perito, que exercitou o lugar de Mestre no seu Convento de Cordova. Compoz diversas obras Musicas, em que mostrou a profundidade da sua sciencia, as quaes se conservaõ na Bibliotheca Real da Musica, como consta do seu Index impresso em Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1649. 4. grande.

FRANCISCO BARCA natural da Cidade de Evora, e Freyre da Militar Ordem de Saõ Tiago, que professou em as mãos do Prior mór D. Jorge de Mello, no Real Convento de Palmella a 26. de Dezembro de 1625. Foy insigne professor de Musica, sendo Mestre da Cappella do seu Convento, e depois do Hospital Real de todos os Santos desta Corte onde morreo. As suas obras Musicas se guardaõ na *Bib. Real da Musica.*

Fr. FRANCISCO DE BARCELLOS natural da Villa do seu apellido, ou da Villa de Rates situadas na Provincia de Entre Douro, e Minho. Foy filho de Joaõ de Souza Prior de Rates, e de Mecia Rodrigues de Faria; Irmãa de Thomè de Souza, primeiro Governador do Brasil, Vedor d'El Rey D. Sebastiaõ, e Commendador de Rates da Ordem de Christo. A nobreza do seu nascimento, que lhe podia insinuar em o animo esperanças certas de possuir lugares honorifi-

Tom. II.

cos em o mundo, as desprezou resolutamente elegendo para centro da sua tranquillidade o Religioso Claustro do Convento da Pena onde professou o Instituto de Saõ Jeronymo a 25. de Outubro de de 1525. Neste sagrado domicilio se fez exemplar daquellas virtudes proprias de hum perfeito Regular, sendo na abstinencia rigoroso, na Oraçaõ continuo, no zelo inflamado, na obediencia prompto, e no silencio observante. Pela sua grande prudencia acompanhada de natural afabilidade, e alegre semblante exercitou varias Prelacias na Ordem como foraõ Prior do Mosteiro da Costa em o anno de 1559. Prior do Convento de S. Marcos junto a Coimbra em 1566. ao qual augmentou com sumptuosos edificios delineados pela sua maõ, por ser insigne Architecto; Reytor do Collegio de Coimbra em 1572. e ultimamente Provincial. Foy celebre Poeta Latino com tanta affluencia, que delle escreve D. Fr. Thomè de Faria Bispo de Targa seu parente *Decad. 1. liv. 10. cap. 3. Nam ita Musis erat deditus ut quod Ovidius de se commendavit quidquid conabar dicere versus erat, de illo etiam potuerit publicari.* Passou da vida temporal para a eterna em o Convento da Pena junto à Villa de Cintra a 29. de Junho de 1570. como diz Jorge Cardoso *Agiol. Lusit. Tom. 3. pag. 874.* o que certamente não pôde ser porque ainda no anno de 1572. sendo Reytor do Collegio de Coimbra celebrou hum contrato pertencente ao mesmo Collegio. Delle fazem memoria Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter. lit. F. num. 33. vir valde pius, & in pangēdis carminibus promptus.* O Illustrissimo Cunha *Hist. Eccles. de Braga Part. 2. cap. 78. §. 8. em quem concorreraõ grandes dotes de sangue, e letras; os mayores porèm foraõ de humildade, e pobreza em que foy perfeitissimo.* Fr. Ant. à Purif. *Chronol. Monast. liv. 2. cap. 9. Litteris, & virtutibus insignis.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp. Tom. 2. pag. 323. Ferebatur ardentissima devotione erga Dominicam. Cru- cem. Cardoso. Agiol. Lusit. Tom. 3. pag. 858. Na Poesia não foy menos assinalado assim na lingua materna, como na Latina.* Villasboas *Nob. Port. pag. 109. Foy*

afeiçoado à Poesia, e fez na lingua materna algumas obras, e na Latina hum livro dos triunfos da Cruz. Siguença *Histor. de la Ord. de S. Jeron. Part. 3. liv. 2. cap. 42. Varon illustre en sangre, y mas en Religion. Poyares Trat. Paneg. da Villa de Barcellos cap. 16.* Compoz

Salutiferæ Crucis triumphus in Christi Dei Optimi Maximi gloriam, et ad Christianæ mentis solatium. Conimbricæ apud Joannem Barrerium, et Joannem Alvarum Typ. Reg. anno salutis nostræ millesimo quinquagesimo tertio XXV. Kalendas Julias.

He composto em verso elegiaco, e consta de quatro livros. Dedicado a D. Fr. Braz de Barros, primeiro Bispo de Leyria seu grande amigo, e condiscipulo. Posto que no frontispicio se não declara o nome do Author, o manifesta Fr. Jeronymo Oleastro insigne esplendor da Ordem dos Prégadores na approvaçõ que faz a esta obra a qual louva com estas metricas vozes o Padre Antonio dos Reys *Enthus. Poet. n. 25.*

*Occupat excelsam Cathedram Barcellius ille,
Qui Crucis elogium sic nobile panxit, ut ore
A Patris eloquium penitus rapuisse putares
Grandisonum.*

P. FRANCISCO BARRETO natural da Villa de Montemor o Novo em a Provincia Transtagana recebeu a Roupetta da Companhia de JESUS no Collegio de Evora a 22. de Abril de 1622. quando contava quatorze annos de idade, e não vinte e tres como refere a *Bib. Societ. pag. 214. col. 2.* Acabados os seus estudos, e alcançada faculdade dos Superiores para partir ao Oriente dictou em Goa as sciencias escholasticas. Depois de ser Reytor dos Collegios de Coulaõ, e Cochim, como fosse ornado de summa capacidade, foy eleito Procurador da Provincia do Malabar á Curia Romana, onde assistio à outava, e nona Congregaçõ Geral que fez a Companhia. Restituído à India, foy Provincial do Malabar, e depois Vizitador da Provincia de Goa. Foy taõ observante do seu instituto como prudente em suas

acçoês conciliando o amor, e veneraçõ de todos. Atendendo a Magestade de D. Affonso VI. aos seus mercimentos o nomeou Bispo de Cochim, e depois Arcebispo de Cranganor, porèm a morte, que intempestivamente o arrebatou em Goa, a 26. de Outubro de 1663. impedio que possuísse aquellas dignidades. Fallando delle o Padre Queiros *Vid. do Irm. Bast. liv. 2. cap. 21. diz Tendolhe Deos dado muitos bons talentos de virtude, prudencia, e letras com hum coraçõ muito honrado, sofrido, e amigo de fazer bem, foy geralmente, aceito de animos desapaixonados nos lugares, que occupou, e avaliado por merecedor de outros mayores. Bib. Societ. pag. 214. col. 2. vir fuit spectatæ prudentiæ, placidis moribus, sedatis animi affectibus, Religiosæ disciplinæ in se observator, et promotor in aliis.* Fonseca *Evor. Glorios. pag. 429. Famoso Missionario do Malabar. Franco. Imag. da Virtud. em o Nov. de Evor. pag. 862. sempre mostrou grande prudencia, e a tinha especial para os governos.* Sousa *Cathalog. dos Bisp. de Coch. e Arceb. de Crangan. e o moderno addicionador da Bib. Orient. de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 4. col. 81. o qual com erro manifesto affirma que na Colleçãõ das Cartas das Missoens do Oriente, que mandou fazer o Illustrissimo Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragãça, estavaõ algumas do Padre Francisco Barreto, quando estas chegaõ atè o anno de 1588. e o dito Padre naceo vinte annos depois desta era. Quando assistio em Roma publicou na lingua Italiana.*

Relatione della Provincia di Malavare. Roma por Francisco Corbelletti 1645. 8. Sahio traduzida em Frances. Pariz ches Henault. 1646. 8.

D. FRANCISCO BARRETO Naceo na Villa de Serpa da Provincia do Alentejo devendo à vigilante educaçãõ de seus illustres Pays Nuno Alvares da Costa Barreto, e D. Francisca Barreto filha de Alvaro Pereyra, e D. Brites Barreto, como à capacidade do seu talento o feliz progresso que fez em os estudos, e nos lugares honorificos que dignamente occupou. Depois de receber na Academia

nia Conimbricense o grão de Doutor em os Sagrados Canones, exercitou re-
tiffimamente os lugares de Deputado,
e Inquisidor nas Inquições de Evora,
e Lisboa, donde sendo Conigo da Ca-
thedral de Lisboa, passou a Deputado
do Conselho Geral em 14. de Mayo de
1668. A judiciosa prudencia que mani-
festou nestes lugares o habilitou para su-
bir á Cadeira Episcopal do Algarve de que
tomou posse a 28. de Agosto de 1671.
succedendo a seu Tio que teve o mesmo
nome, onde encheo as obrigações de
Pastor solícito assim na reforma dos cos-
tumes, como na profusão das esmolas.
Celebrou Synodo na Cidade de Faro
a 22. de Janeiro de 1673. Com generosa
magnificencia levantou desde os funda-
mentos a Capella mór da sua Cathedral
a qual ornou de preciosos marmores, e
elegantes pinturas, e proximo a elle edi-
ficou o pa'acio para digna habitação dos
seus successores, como tambem hum Re-
colhimento junto da Caza da Mizericor-
dia para Donzellas. A todos os Templos
da sua Diocese deo com liberal mão
muitas peças de prata, e Paramentos pa-
ra ornato dos Altares. Falleceo entre as
suas ovelhas que excessivamente sentiraõ
a falta de taõ benefico Pastor a 7. de A-
gosto de 1679. e jaz sepultado na sua Ca-
thedral. Compoz

*Constituições Synodales do Bispado do
Algarve, novamente feitas, e ordena-
das pelo Illustrissimo Senhor D. Francis-
co Barreto segundo deste nome.* Evora na
Impressão da Universidade. 1676. fol.

*Advertencias aos Parochos, e Sacerdo-
tes do Bispado do Algarve.* Lisboa por
João Galraõ 1676. 4.

*Controversiarum Episcopaliū Tomus
unus.* M. S. Estava em poder do Cardi-
al de Lencastre, Inquizidor Geral.

FRANCISCO BARRETO FROES natural de Coimbra, filho do Dou-
tor Sebastião Jorge Froes, Lente de Ves-
pera na Faculdade de Medicina em a U-
niversidade Conimbricense, e D. Maria
Barreto. Não foy necessario sair da Pa-
tria para se applicar às sciencias, elegen-
do entre todas a Jurisprudencia Cesarea,
em que fez taõ pasmosos progressos a sub-

tileza do seu engenho, e elevação do
seu juizo, que mereceo a antonoma-
sia de *Aguia*. Depois de receber as in-
signias Doutoraes, e ser admitido ao Col-
legio de S. Pedro a 12. de Fevereiro de
1666. regentou para immortal credito da-
quella celebre Universidade as Cadeiras
mayores como foraõ a do Codigo de que
tomou posse a 16. de Janeiro de 1672. a
de Vespera a 28 de Julho de 1678. e ulti-
mamente a de Prima a 3. de Outubro de
1686. Todas as postillas que dictou neste
largo magisterio alcançaraõ o mayor ap-
plauso de todos os Cathedraticos, pois
nellas competia a delicadeza com a pro-
fundidade interpretando subtilmête a mui-
tos Textos difficultosos, e conciliando ou-
tros totalmente antinomicos, sendo as
principaes.

Ad Tit. De novi Operis nuntiatione.

Ad Tit. De hereditariis actionibus.

Ad Tit. De damno infecto.

**FRANCISCO BARRETO LAN-
DIM** natural da Villa de Arrayoles situa-
da na Provincia do Alentejo, professor
naõ menos da Jurisprudencia sendo Juiz
de fora da Villa da Certãa, como da Poe-
sia publicando o Poema seguinte.

*Panegyrico da Santa vida, e gloriosa
morte do grande Patriarcha S. João de
Deos.* Lisboa por Manoel da Sylva.
1648. 8. Ao Author como a obra louva
o P. Antonio dos Reys Eutih. Poet. n.
83.

*... præcipites resonabat carmine rupes
Grandisono referens Landinus gesta Joa-
nis*

*Cuidedit Omnipotens Lybiæ flagrantis in
agro*

*Ipsè suum nomen dulci cum pondere J E-
S U S*

*Urgere lassas, non cognita sarcina vires.
Deixou M. S.*

*Poesia à Feliz Aclamação de El Rey D.
João o IV. e Centurias sobre todo o Di-
reito Civil* promptos para a impressão.

**FRANCISCO DE S. BERNAR-
DO** Naceo em Lisboa sendo filho de
Luiz Vieyra de Mesquita, e D. Izabel
de Almeida descendentes de familias no-
bres. Na idade da adolescencia recebeu
a mur-

a murça de Conego Secular do Evangelista Amado em o Convento de S. Bento de Xabregas, en esta douta palestra fez o seu agudo engenho, e sublime comprehençãõ agigantados progressos nas sciencias severas, que dictou com applauso aos domesticos, e cauzou admiraçãõ aos estranhos, principalmente quãdo nos actos litterarios argumentava sempre plauzível pela subtileza, e profundidade das suas proposiçoens, ou fosse em Theologia Escolastica, ou Polemica, ou Expositiva à qual se tinha applicado com mayor desvelo conservando no mayor ardor da disputa a modestia do semblãte, e o uzo da urbanidade. Foy Doutor Theologo pela Universidade de Coimbra, e por seis annos continuos Geral da sua florentissima Congregaçãõ, em cujo governo experimentaraõ os subditos a benevolencia de Pay deposta a severidade de Prelado. Augmentou o Convento de S. Bento de Xabregas, Cabeça de toda a Congregaçãõ com magnificas obras, que eternamente publicaraõ a grandeza do seu espirito. Igual talento teve para o Pulpito, que para a Cadeira, sendo ouvido com geral aclamaçãõ em os mais authorizados Pulpitos da Corte. Acometido de hum accidente apopletico falleceo no Convento de Santo Eloy de Lisboa a 8. de Março de 1726. Publicou

Oraçãõ Funebre nas Exequias Reaes da Serenissima Magestade do muito alto, e muito poderoso Rey de Portugal D. Pedro II. celebradas na Real Igreja da Conceiçãõ da Cidade de Lisboa, pelos Cavalleiros da Ordem de Christo, da qual foy S. Magestade Graõ Mestre. Lisboa por Manoel, e Jozè Lopes Ferreira 1707. 4.

Oraçãõ Funebre nas Exequias do Illustrissimo Senhor D. Joãõ de Souza Arcebispo de Lisboa, celebradas na Sè da mesma Cidade em 30. de Outubro de 1710. Lisboa por Jozè Lopes Ferreira 1710. 4.

D. FRANCISCO DE BORJA Principe de Esquilache, em o Reyno de Napoles, Conde de Mayalde, Camarista de Phillippe IV. e Viso Rey do Perù, teve por Pay a D. Joãõ de Borja Conde de Ficalho em Portugal, Commendador de Azuaga, Embaixador a este Rey-

no, e a Alemanha, Mordomo mór da Emperatriz D. Maria, e da Rainha de Espanha D. Margarida de Austria, Conselheiro de Estado de Philippe III. e por Máy a D. Francisca de Aragaõ Barreto Dama da Rainha de Portugal D. Catharina, filha de Nuno Rodrigues Barreto, Alcayde mór de Loulè; e por Avo paterna a D. Leonor de Castro, e Menezes, filha de D. Alvaro de Castro Senhor do Morgado do Torraõ, e D. Isabel de Mello Barreto ambas Portuguezas, por cuja cauza he admitido D. Francisco de Borja ao numero dos nossos Escritores. Foy ornado daquelles dotes dignos do seu alto nascimento sendo taõ instruido nas maximas politicas, como virtudes moraes. Cultivou com summa felicidade as Musas Castelhanas, merecendo pela elegancia do metro, e fineza dos pensamentos, gravar o seu nome em a eminencia do Parnaso. Exercitou o ViceReynato do Perù, pelo espaço de doze annos em que deo illustres argumentos do seu desinteresse. Falleceo em Madrid a 26. de Setembro de 1658. em idade decrepita. Os mais canoros cisnes da Hipocrene o celebraõ por seu insigne alumno, como saõ Lope da Vega Carpio *Laurel de Apollo Sylv. 6.*

*Si pena Prometeo en alto risco
Porque intrepido hurtò del Sol la llama
Que deve quien a Homero nombre y fama
O' claro D. Francisco
Principe de Esquilache, y del Parnasso
Nuevo en España Tasso
Illustrissimo Borja
Para quien yá laureles de oro forja,
Que los verdes admiten desengaños
De que los pueden marchitar los años.*
Francisco de França da Costa *Jard. de Apoll. Sonet. 16.*
*Que bien de la nobleza esmalta el oro
Tu ingenio, cuyo estilo peregrino
Imagen del arroyo christalino
Corriente claro es dulce sonoro.
Eres de nuestro idioma alto thezoro
Prodigio humano, que en obrar divino
Rindes el Griego, vences al Latino
(Assi te inspira Apollineo Coro)
De Principe tambien dela Poesia
(No solo de Esquilache) immensa summa
De edades gozarás el apellido.*

Miran.

Mirandote el olvido desconfia

*Que basta el menor rasgo de tu pluma
A poner a tus plantas el olvido.*

A estas vozes metricas correspondem semelhantes elogios de Gracian. *Art. de Ingenio* Disc. 3. *El Principe de Esquilache*, y *Principe de la Poesia*. Nicol. Ant. Bib. *Hisp.* Tom. 1. pag. 314. col. 1. *suavis urbanus, facilisque in paucis Poeta ut à Lyricorum principatu non longe constiterit.* D. Franc. Man. *Epanaf. de var. Hist.* pag. 17. *filho, e neto de Portuguezes herdado no Reyno, e Fidalgo delle o P. Cienfuegos Vid. de S. Franc. de Borja* liv. 1. cap. 10. §. 4. *cujas buenas letras, y grandes experiencias en todas las maximas politicas le hizieron muy favorecido de los Principes, y no menos de las Musas como acreditan sus obras.* Compoz

La Passion de Christo en Tercetos. Madrid por Francisco Martines. 1638. 8. Em louvor desta obra lhe fez Manoel de Faria, e Souza na *Fuent. de Aganip.* Part. 1. Sonet. 35. do Canto 4. que acaba.

O' cuerdas que já más más cuerdamente

Con soberano pulso os arguistes!

Puente es yá para el Cielo vuestro puente:

O' alegres trastes sobre affuntos tristes!

Desde oy de excelsa Musa ay nueva fuete

Pues sonastes mejor quando gemistes.

Napoles recuperada por El Rey D. Alonso. Poema Heroico. Saragoça en el Hospital Real. 1651. 4. Antuerpia na *Officina Plantiniana.* 1658. 4. grande.

Obras varias em verso. Antuerpia na *Officina Plantiniana.* 1654. 4. grande.

Oraciones, y Meditaciones de la vida de Jesu Christo por el D. Thomás de Kempis con otros dós Tratados de los tres Tabernaculos, y soliloquios del alma. Bruxellas por Francico Foppens. 1661. 4. Obra posthuma. Sahio traduzida esta obra em Portuguez por Joaõ Martins. Lisboa por Bernardo da Costa de Carvalho. 1716. 8.

FRANCISCO BOTELHO DE MORAES natural da Villa da Torre de Moncorvo, e della Capitão mór, e Coudel mór da sua Comarca filho de Paulo Botelho de Moraes Cavalleiro da Ordem de Christo, que militou por mar, e terra em obsequio da patria, e de Izabel Coelho, filha de Bar-

tholomeu Moreira, e de sua mulher Maria Camello Pereira. Applicouse ao estudo da Genealogia, em que fez tantos progressos, que foy estimado pela vasta noticia que alcançou naõ samente das Familias do Reyno, mas ainda dos estranhos escrevendo com summa verdade, e naõ menos indagação muitas Familias de Portugal, e com penna mais difusa.

Origem, e progressos da grande, e antiga Caza de Villaflor, e noticia das linhas Genealogicas da sua ascendencia, e descendencia, ramos collateraes, e de suas excellencias, e prerrogativas, dividido em cinco partes, e offerecido a Francisco Joze de Sampayo de Mello, e Castro terceiro do nome, e Senhor das Villas, e Honras de Villaflor, Sampayo, Mós, Chacim, Frechas, Villasboas, Parada de Pinhaõ, e Bemposta, Alcayde mór da Torre de Moncorvo, Senhor dos Direitos Reaes della, e dos da Villa de Freixo de Espada na cinta. Escrito no anno de 1689.

Desta obra, como do Autor faz menção o P. Souza *Apparat. à Hist. Geneol. da Caz. Real. Portug.* pag. 165. §. 203. Instituiu hum Morgado com obrigação de uzarem os seus administradores do apellido de Botelho. Casou com D. Brites de Vasconcellos Saraiva, filha de Antonio do Amaral, Capitão mór da Villa de Freixo de Nemaõ, e de sua mulher D. Brites de Vasconcellos Sarayva, de quem teve ao Doutor Alexandre Botelho, de Moraes, Dezembargador dos Aggravos na Caza da Supplicação, Paulo Botelho de Moraes, que o imitou no estudo Genealogico, e a

FRANCISCO BOTELHO DE MORAES, E VASCONCELLOS. Naceo na Villa da Torre de Moncorvo e na Igreja Matriz dedicada a N. Senhora da Assumpção recebeu a graça bautifmal a 6. de Agosto de 1670. Ainda contava poucos annos quando passou a Madrid para assistir com seu Tio, que residia naquella Corte onde instruido em diversas artes, e sciencias em que sahio eminente pela grande viveza de engenho, e admiravel comprehensão de juizo, conciliou a estimação das primeiras pessoas sendo seus

seus declarados Patronos, e beneficos Fautores o Almirante D. Joaõ Thomàs Henriquez de Cabrera, o Duque de Alva D. Antonio de Toledo, e o Duque de Arcos D. Joaquim Ponce de Leão, e Lancafre. O tumulto da guerra que se rompeo pela successão de Espanha, o obrigou a restituirse a Portugal, onde atendendo a Magestade de D. Joaõ o V. ao seu merecimento lhe fez mercè do Habito de Christo com huma larga pensão na Commenda de S. Pedro de Folgozinhos da mesma Ordem cujo despacho se fez mais estimavel com estas authorizadas palavras. *Que Sua Magestade faz a dita mercè atendendo a ter Francisco Botelho composto o Poema del Alfonso, e ser das primeiras Familias da Provincia de Tras os Montes.* Nomeado em o anno de 1711. Embaxador à Curia Romana o Excellentissimo Marquez de Abrantes D. Rodrigo Annes de Sá, e Almeyda, o elegeo por seu companheiro, e em taõ grande Corte, alcançou applauzos, e estimaçoens dos mayores eruditos. Querendo a Academia dos Arcades que fosse seu Socio lhe mandaraõ pelo Secretario a nomeação de Academico, que naõ aceitou por estar neste tempo dividida taõ douta Sociedade em parcialidades dizendo ao Secretario os versos de Lucano com que os Gregos de Marretha responderaõ a Cezar. *Accipe devotas externa in praelia dextras &c.* A morte de seu Pay o impellio a voltar à patria para cobrar a herança dos bens livres, que lhe tocaraõ, e depois passou a Lisboa onde se applicou a por a ultima lima ao seu Poema Heroico do *Alfonso*, e separallo do outro intitulado *Nuevo Mundo* pela confusão que de ambos fizeraõ alguns Impressores pois atè a fraze lhe adulteraraõ. Estas duas obras lhe deveraõ o disvelo de muitos annos principalmente o *Alfonso* em que se admiraõ exactamente praticados os preceitos da Epopeya, naõ samente pela elevação do metro, como pela delicadeza de conceitos, e affluencia de vozes merecendo entre o geral applauzo quetem alcãçado em toda a Europa o metrico elogio que lhe fez o Excellentissimo Conde da Ericeira na *Henriqueida* Canto 12. Outava 185. que modernamente sahio à

luz para illustrar todo o Parnaso.

*Lisboa lhe mostrou que coroada
Lhe abre as portas do Templo de Minerva,
Que à verdadeira Pallas consagrada
Com vestigios do Itaco conserva;
Mas a coroa, que cingio dourada
Para seu filho Alfonso, entaõ reserva.
Que assim o hade cantar complectro de ouro
Epico Cisne a que he Caistro o Douro*

Naõ lhe deveo menor estudo a Poesia Latina, que a vulgar, pois naõ samente depositou na sua feliz memoria as obras de Claudiano, Lucano, Persio, Juvenal, e outros Poetas desta classe, que promptamente repete quando se lhe offerece occasião, mas ser fielmente imitador dos seus estylos, parecendo que nacera no seculo em que elles floreceraõ. Ao tempo presente assiste em Salamanca augmentando o brado do seu nome com novas produçoens sem que a provecta idade de 74. annos completos lhe retarde os progressos do seu fecundo engenho. Publicou

El nuevo mundo Poema heroico Barcelona por Juan Pablo Alarti. 1701. 4. He dedicado à Magestade Catholica de Philippe V. Consta de 10. Cantos, cujo argumento he o Descubrimto das Indias Occidentaes por Christovaõ Colon. Quando o compoz tinha 26. annos de idade, e o publicou imperfeito prometendo sahir completo. O moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leão Tom. 2. Tit. 1. col. 576. affirma que sahira impresso em Madrid. no anno de 1716. 4. sem o ultimo complemento, e desta edição conservava hum exemplar na sua Livraria.

El Alfonso Poema Heroico. Pariz por Estevaõ Michalliet. 1712. 12. Esta impressão, posto que diga ser de Pariz, he de Italia. Cõsta de 12. Cantos sendo o seu argumento a Fundação da Monarchia Portugueza por seu primeiro Rey D. Alfonso Henriquez. Foy dedicado ao Excellentissimo Marquez de Fontes, depois de Abrantes Embaxador naquelle tempo em a Curia Romana à Santidade de Clemente XI. e o traduzio seu Autor em Outavas Portuguezas que naõ publicou. Sahio segunda vez. Luca por Marescondoli 1716. 4. grande com duas columnas de